

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
*CAMPUS* SOROCABA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

NATÁLIA LAIANA OLIVEIRA

**O DIREITO À LITERATURA:** Letramento literário e  
contos de fadas como ressignificação do ordinário em  
extraordinário

SOROCABA - SP  
2020

NATÁLIA LAIANA OLIVEIRA

O DIREITO À LITERATURA: letramento literário e contos de fadas como ressignificação do ordinário em extraordinário

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza.

Sorocaba - SP

2020

Oliveira, Natália Laiana

Direito à Literatura:: letramento literário e contos de fadas como ressignificação do ordinário em extraordinário / Natália Laiana Oliveira -- 2021. 92f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Geraldo Tadeu Souza

Banca Examinadora: Márcio Antônio Gatti, Rosa

Aparecida Pinheiro

Bibliografia

1. Contos de fadas. 2. Letramento Literário. 3. Direito à Literatura. I. Oliveira, Natália Laiana. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

FOLHA DE APROVAÇÃO

**NATÁLIA LAIANA OLIVEIRA**

O DIREITO À LITERATURA: letramento literário e contos de fadas como ressignificação do ordinário em extraordinário

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba.

---

Prof. Dr. Geraldo Tadeu Souza  
Universidade Federal de São Carlos - *campus* Sorocaba

---

Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti  
Universidade Federal de São Carlos - *campus* Sorocaba

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosa Aparecida Pinheiro  
Universidade Federal de São Carlos - *campus* Sorocaba

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esse trabalho a Santíssima Virgem Maria que em Jesus guardou e cuidou do meu coração transformando o ordinário em extraordinário

## AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a Deus, que me salva todos os dias, sustenta minha vida, e sempre me mostra o caminho da verdadeira felicidade.

A Santa Terezinha que me ensina a amar minha pequenez e a continuar olhando para o alto

Agradeço a minha família, que sempre me envolveu no amor bondoso, paciente, que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta, curando meu coração todos os dias. Ana Vitoria Oliveira, Antonia Elizabete Pereira Oliveira e Roberto Carlos Oliveira, vocês são luz!

Ao meu noivo Murilo Maldonado Ribeiro que me acompanhou em tudo, e me entendeu nas horas de confusão, me levando a se encontrar. Eu amo você!

A minha avó Maria Jacira que sempre me contou histórias e me concedeu costurar com as linhas mais valiosas de sua memória o meu TCC. Vó, você foi o começo de tudo, você e o vovô me deram o presente de uma família maravilhosa.

Ao meu padrinho Valdemar e minha madrinha Maisa, meus segundos pais, ter vocês ao meu lado é um presente de Deus.

Ao meu orientador que aceitou me acompanhar nessa aventura temerária da construção do meu TCC, ensinando a ouvir meu coração, me apontando os melhores caminhos, me instruindo a voar sozinha, Geraldo, você foi como o auxiliar mágico dos contos de fadas para mim. És um grande educador!

Ao tesouro que encontrei na universidade, Erika Carolina Salomé de Figueiredo Santos, ter sua amizade é o “final feliz” dessa etapa da minha vida.

Aos professores que me deram a chave de acesso ao conhecimento, ensinando para a vida.

A querida Gabriela Sewaybriker você foi a melhor veterana que poderia existir, sempre disponível para ajudar. Seus doces marcaram minha vida acadêmica!

Ao grupo de oração Jovem Filhos do céu, onde encontrei irmãos em Deus. Vocês me acompanharam em tudo, e me deram força durante toda minha graduação. Em especial a Anne Caroline, Jaqueline Arnaud, Lucas Salles, Lucas Abreu, Matheus Arnaud, e Bernardo Carvalho.

Ao amigo João Pedro Norbutas, você me ensina tanto, admiro sua forma de apreciar a vida.

Aos Padres, que sempre me motivaram a continuar, dando os melhores conselhos.

Ao meu tio José Carlos Oliveira, que me presenteou na infância com livros Clássicos

de contos de fadas que nunca esquecerei. Tio, esse livro preencheu meu coração.

A Nathalia Pena que com um enorme coração me ajudou com a formatação desse TCC, você acrescentou muito!

Aos meus amigos da pedagogia do ano de 2016, em especial a Susan Alves , Bruno Pedroso, Gabrielle Bueno, Leticia Carvalho, Bianca Moura, Gabriel Gonçalves e José Edson que sempre foram solícitos durante o desafio da vida acadêmica.

A professora doutora Rosa Aparecida Pinheiro que foi a supervisora do estágio no ensino fundamental, assim como nossa supervisora no programa residência pedagógica. A senhora nos acompanhou de perto, me senti confiante para realizar junto das colegas discentes um projeto incrível. Agradeço a oportunidade que nos deu!

As colegas discentes que fizeram parte do programa residência pedagógica, por dividirmos momentos de tanta reflexão e construção, Júlia Braga, Marina Brasil, Camila Santana, Erika Salomé, Júlia Meneghel, Susan Alves e Paula Soares.

A equipe educativa da escola estadual Suzana Walter, que nos acolheu e nos impulsionou a ir além.

Ao canal do *Youtube* “Tolkien talk” e “Guardião Católico” por dividirem saberes preciosos sobre J.R.R Tolkien.

A todos que oraram para que eu concluísse o meu tcc,e a todos que fizeram parte da minha história, sou grata pelas suas vidas.

Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.

(CANDIDO, 2011, p.193)



## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso é uma pesquisa de campo, bibliográfica e documental que busca se aprofundar em alguns conceitos sobre direito à literatura, letramento literário, e contos de fadas. visando o diálogo com a BNCC e PNLD Literário para enfatizar que a literatura e a escola devem caminhar juntas. Do ponto de vista teórico, busca refletir a respeito da importância da literatura para o ser humano e reconhecê-la como um direito fundamental (CÂNDIDO, 2011) e como educação estética (VIGOTSKI, 2003), sendo necessária para o desenvolvimento pleno dos educandos. Para os estudos dos contos de fadas como instrumento de ressignificação criativa da nossa vida, utilizo as contribuições de Propp (1984), Tolkien (2020), Machado (1994) e Coelho (2012). Problemático o letramento literário (COSSON, 2019, 2014) pois nos oferece os instrumentos necessários para agir no mundo letrado, considerando o sujeito integralmente. Pensar na importância dos contos de fadas na formação do leitor literário nos anos iniciais, articulando a oralidade e o acesso a livros literários como um direito é o nosso objetivo principal.

**Palavras-chave:** Contos de fadas. Letramento Literário. Direito à Literatura.

## ABSTRACT

The present work of conclusion of the course is a bibliographic and documentary research that seeks to deepen some concepts on the right to literature, literary literacy, and fairy tales. aimed at dialogue with BNCC and PNLD Literary to emphasize that literature and the school must go together. From a theoretical point of view, it seeks to reflect on the importance of literature for human beings and recognize it as a fundamental right (CÂNDIDO, 2011) and as aesthetic education (VIGOTSKI, 2003), being necessary for the full development of students. For the studies of fairy tales as an instrument of creative resignification of our life, I use the contributions of Propp (1984), Tolkien (2020), Machado (1994) and Coelho (2012). I problematize literary literacy (COSSON, 2019, 2014) because it offers us the necessary instruments to act in the literate world, considering the subject in its entirety. Thinking about the importance of fairy tales in the formation of the literary reader in the early years, articulating orality and access to literary books as a right is our main objective.

**Keyword:** Fairy tale. Literary Literacy. Right to Literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Características fundamentais do letramento literário	36
Tabela 2 - Características dos contos de fada segunda Tolkien	53
Tabela 3 - Funções estruturantes do conto <b>Helena</b>	58
Tabela 4 - Análise do conto <b>Helena</b>	59
Tabela 5 - Constantes básicas da vida do ser humano	60
Tabela 6 - As Habilidades da BNCC no campo artístico literário	62
Tabela 7- Acervo do PNLD	64

## LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEALE - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita

COVID-19 - *Corona Virus Disease* 2019

OMS - Organização Mundial da Saúde

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PRP - Programa Residência Pedagógica

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>2 ALGUMAS NOTAS METODOLÓGICAS</b>	<b>24</b>
<b>3 A LITERATURA COMO DIREITO FUNDAMENTAL</b>	<b>28</b>
<b>4 LETRAMENTO LITERÁRIO COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA</b>	<b>33</b>
4.1 UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA NO ESTÁGIO DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA	37
<b>5 UMA BREVE HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS</b>	<b>46</b>
5.1 UMA ANÁLISE DO CONTO HELENA SOB O PONTO DE VISTA DE PROPP	56
<b>6 BNCC E PNLD: O CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO E O GUIA PNLD LITERÁRIO 2018</b>	<b>61</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>68</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE: CONTO HELENA</b>	<b>74</b>
<b>ANEXO: RESENHA DAS OBRAS DO PNLD LITERÁRIO 2018 ANALISADAS</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Descobri recentemente que meu bisavô foi um contador de histórias memorável em Itaporanga no bairro dos remédios. Muitos vizinhos que moravam ao seu redor, tanto adultos como crianças, se reuniam ao seu redor à espera de ouvi-lo contar suas histórias.

Ele contou muitas histórias para sua família e minha avó continuou contando as mesmas histórias para seus filhos mesmo depois que o pai dela morreu. Minha mãe ouviu muitas histórias tanto do seu avô quanto de sua mãe, e as dividiu comigo. Minha avó também contava para seus netos.

Guardo essas histórias preciosas em meu coração, antes mesmo de saber que eram riquezas da minha família. Sem perceber me tornei a quarta geração que transmite histórias orais populares, dessa vez, não ainda para meus filhos, mas para meus educandos.

Amava quando minha mãe contava as histórias que ouviu da minha avó, principalmente quando afinava a voz para imitar os personagens, me levava a imaginar diversos lugares, geralmente me encontrava em selvas, florestas, bosques, foi ela que me apresentou o “reino encantado”. Queria dormir sempre na casa da minha avó, pois ela conhecia ainda mais histórias!

Com o tempo conheci ainda mais histórias, me interessei por livros de contos de fadas, mesmo sem saber ler, pois as figuras me permitiam imaginar o que se passava. Depois, quando aprendi a ler, não me importava se tinha figuras ou não, mas os contos que começavam com “era uma vez” me faziam sentir que estava descobrindo tesouros antigos.

Depois que aprendi a ler, continuava sendo necessário ouvir a voz dessas sábias da tradição oral, essas histórias únicas que ouvia dos meus familiares, e que eu não encontrava nos livros.

No meu percurso como estudante de pedagogia fui me apropriando do conhecimento historicamente produzido no campo da educação, meus olhos ficaram mais sensíveis à realidade e a teoria foi compondo minha ação prática, foi um movimento de descobertas e indagações, principalmente quando comecei meus estágios.

No estágio de ensino fundamental tive a oportunidade de entrar para o Programa Residência Pedagógica (PRP) e me relacionar com a realidade da

instituição escolar. Através desse processo de imersão, surgiu um projeto pensado a partir de algo que eu e meu grupo sentimos falta, principalmente nos anos iniciais: o gosto pelos livros, o contato com a biblioteca, espaço para imaginação. Essas características eram caras tanto para mim, quanto para minhas colegas: Susan, Érika, Julia, Marina, Julia Braga, Camila Santana e Paula Soares.

Nas escolas de educação infantil que estagiei, uma das características marcante era o incentivo à imaginação assim como o gosto pela leitura dos contos de fadas.

Quando comecei meu estágio nos primeiros anos do ensino fundamental, senti que as experiências vividas na infância eram subjugadas pelo império da razão, dos conteúdos, da memorização e, conseqüentemente, viviam uma prática sem sentido para a vida. Os códigos matemáticos e a língua portuguesa eram trabalhados mais do que qualquer outra disciplina e os mesmos estavam dissociados da prática social.

As crianças tinham uma relação estrita com aulas conteudistas e expositivas e não viam sentido nas lições e atividades propostas. Alguns as faziam por obrigação, e outros pareciam não ter “força” para se manter atentos. O tempo dentro da escola como construção e ressignificação do seu aprendizado no relacionamento com si e com o outro não existia.

Nosso projeto surgiu para vir em socorro de algo que sentimos que estava fazendo falta no contexto escolar, iniciamos o “cultivo do solo” para o “plantio” da iniciativa “Um Pé de Livro”, visando o “gosto pela leitura” e uma nova relação com a literatura.

No decorrer do projeto, as crianças que de início escolhiam os livros pelo número de páginas com medo dos trabalhos que acreditavam vir, começaram a confiar e escolher os livros por outros motivos, como gosto pessoal, assuntos interessantes, assim como livros que promovessem desafios. Os mesmos gostavam de explicar o porquê da escolha do seu livro e passaram a esperar por esse momento. O projeto durou o tempo do estágio, mas nesse pequeno espaço de tempo pudemos ver diferenças nas crianças em sua relação com o livro.

Considero ser extremamente importante discutir o letramento literário principalmente nos anos iniciais. Concordo com Souza, Leão e Azevêdo (2018) quando pontuam que a experiência com a literatura nos permite conhecer outras



formas de existência, refletir de maneira significativa o ordinário da vida, e o prazer da leitura é ampliado assim como é aprofundada sua compreensão.

Estudar um pouco sobre letramento e sobre literatura, assim como observar a mudança nas crianças depois do contato sensível com o livro no PRP despertou um grande interesse em pensar o tema a partir dos anos iniciais.

Através dessa experiência enriquecedora, percebi que os contos maravilhosos me tocavam, observei que estes se encontram em massa na educação infantil, mas não estão na preferência dos professores do ensino fundamental. São contos que se configuram em uma literatura universal, carregam fortes valores humanos de convivência social, exemplos de coragem, bondade, caridade, resiliência, ao mesmo tempo que problematizam a respeito das contradições sociais ainda atuais, em resumo, é carregada de uma sabedoria simples da civilização. Os contos deixam claro que existem obstáculos na vida e nos encoraja a refletir como superá-los. É capaz de restaurar o bom humor, assim como abrir espaço para a transcendência tão abafada pelo império da razão.

Me questionei: Os contos de fadas são somente para crianças da educação infantil? E as narrativas maravilhosas que tinham tanto poder de ressignificar meu ordinário, sumiram? Ficou claro, conforme Coelho (2012 p.17) , que os livros dos contos de fadas possuem um papel formador e precisam ser descobertos como fonte de conhecimento da vida. Os professores deveriam conhecer o poder que os contos de fadas possuem na formação do ser humano.

As histórias maravilhosas trazem um momento de encantamento, de imersão, de escape, de ressignificação do ordinário em extraordinário como afirmam alguns autores e pesquisadores como John Ronald Reuel Tolkien, Gilbert Keith Chesterton, Nelly Novais Coelho, Vladimir Propp, Irene de Araújo Machado.

Cresci escutando contos de fadas populares que foram mantidos pela tradição oral e, depois, pude me apropriar dos contos de fadas que já estavam registrados nos vários livros de literatura.

Quando olho a realidade em que estamos, vejo uma supervalorização da matéria, do racionalismo, em detrimento das realidades transcendentais, desconsiderando nossa integridade humana, nosso direito aos bens espirituais como nosso direito à literatura.

Resolvi desenvolver o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) trilhando esse caminho literário fantástico, pois fui percebendo o grande interesse

que a literatura me causava e as perguntas em torno dele: O que é feéria? O que são fadas? Qual a origem dos contos de fadas? O que caracteriza um conto de fadas? Quem são os escritores que deram vida à literatura infantil dos contos de fadas?

Pretendo trazer um pouco em meu TCC as riquezas do letramento literário e dos contos de fadas. Para tal, resolvi registrar, como ponto de partida, uma história de fadas que minha avó contava para minha mãe.

Atualmente, nessa conjuntura de pandemia do COVID-19<sup>1</sup>, não podendo ver minha avó, combinei com minha mãe de ligar para ela na intenção de conversarmos sobre os contos que as duas me contavam, minha mãe e minha avô tentavam lembrar a ordem dos acontecimentos dos contos.

Conversa vai e conversa vem, as duas tentavam recordar os contos diversos da nossa tradição familiar. Minha avó e minha mãe se complementavam para recordar os pedaços das histórias. Éramos quatro gerações reunidas para escolher e recordar um conto para analisar no presente trabalho. Depois de viajarmos por muitas memórias, escolhemos o conto de fadas favorito da minha mãe, a história chama-se “Helena”. O meu reconto dessa história na íntegra está no apêndice deste trabalho.

Para trazer da memória a história, minha mãe começou dizendo:

**Minha mãe:** *Mãe, lembra daquela história que tinha um boi azul? Eu sempre chorava quando ouvia*

Minha avó fazia esforço para lembrar, mas aquela frase não era suficiente para que conseguisse recordar. Minha mãe então fazia esforço para lembrar as características dos personagens, até que com grande entusiasmo exclamou:

**Minha mãe:** *Parece que o nome da história era Helena. Parece que ela ficou noiva, e o rapaz colocou uma aliança dentro do bolo... Não é?’*

Minha avó não conseguia acreditar que recordaria, mas, naturalmente algumas partes foram surgindo em sua mente:

---

<sup>1</sup>O primeiro caso registrado da doença covid-19 foi em um paciente hospitalizado no dia 12 de dezembro de 2019 na cidade de Wuhan na China, logo iniciou-se um surto na cidade que matou milhares de pessoas e se espalhou por cinco continentes. O Ministério da Saúde confirmou que o primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi dia 26 de Fevereiro de 2020. A rápida disseminação do COVID-19 pelo mundo, pressionou a Organização Mundial da Saúde (OMS) a decretar emergência de saúde pública de interesse internacional no fim de janeiro.

**Minha avó:** *Ai xé, não alembro mais! Sei que ela tinha que passar um mato que tinha três lugar, assim, que ela tinha que passar, um lugar o bicho que o boi... ai, o ... que o boi ia levar ela... Ela fugiu da madrasta... E daí tinha...*

Então forçou um pouco a voz e disse:

**Minha avó:** *Ela fugiu da madrasta porque ela não quis matar o boi! e parece que a madrasta era ruim para ela, e deixava muito serviço para ela e o boi ajudava ela... Eu tô contando por cima porque não alembro mais!*

Minha mãe já animada em escutar aquela história aparentemente esquecida tentou incentivá-la e disse:

**Minha mãe:** *A senhora lembra melhor do que eu mãe!*

Minha avó então começou a contar, e a melodia da voz dela foi mudando de acordo com os acontecimentos que relembrava:

**Minha avó:** *Madrasta saia e deixava roupa para ela lavar e passar, arroz para ela socar no pilão...*

Abruptamente parou um pouco e observou

**Minha avó:** *Olha! Do tempo do arroz socar no pilão!*

Continuou então:

**Minha avó:** *Café para torrar e socar no pilão também. Tinha um monte de serviço, daí o boi falava assim para ela...*

*Uma pausa pequena, e voltou a falar,*

**Minha avó:** *Ela tinha um boi que a mãe dela tinha deixado quando ela morreu. E ela não deixava matar aquele boi...*

Novamente com medo de estar contando de maneira errada a história comentou:

**Minha avó:** *Ai! Será que é assim? Ai não alembro!*

Percebi que para ela, contar história era coisa séria. Minha mãe com medo de ela interromper a história voltou a dizer

**Minha mãe:** *É assim mãe, eu lembro! Ela não deixou ninguém matar o boi.'*

Então minha vó continuou :

**Minha avó:** *Aí o Boi porque a madrasta saia, fazia tudo para ela, ele mascava roupa e jogava tudo limpinha, passadinha, ele era... Como que é? Ele era... Como que é?*

Eu e minha mãe dissemos:

**Eu e minha mãe:** *Encantado?*

Então ela respondeu :

**Minha avó:** *Encantado! Isso! É mais ou menos isso, ele fazia tudo... Agora, só o café que ele não torrava né? Não fazia... Ele falou assim para ela:*

**Boi azul** - *Agora você põe o arroz , que a palha do arroz eu fico com ela!*

E por causa que ele ficava com a palha do arroz a madrasta descobriu que era o boi que estava fazendo esse serviço para ela. Dai queria matar o boi. Ai a menina foi lá e falou assim:

**Helena** - *Ai meu boi....*

E minha avó complementou rapidamente:

**Minha avó:** *MEU BOI AZUL que ela falava...*

E continuou com a fala da personagem Helena:

**Helena** -*Ai meu boi azul, minha madrasta tá querendo matar você, mas eu não quero que ela mate, ela pediu para meu pai matar você.*

Então voltando para nós explicou :

**Minha avó:** *E o pai dela fazia tudo o que a madrasta dela queria.*

E continuou com a fala da menina:

**Helena:** - *Vamos fugir*

**Minha avó:** *Aí o boi falou:*

**Boi azul** - *vamo*

Rapidamente comentou:

**Minha avó:** *Ele não queria que matasse ele né?*

E continuou novamente no mesmo movimento

**Minha avó:** *Aí eles fugiram e tinha um mato, o mato muito cerrado pra passar, muito feio pra passar, aí tinha três lugar, primeiro lugar não lembro o que que tinha, o segundo lugar era só de mato de folha de ouro, daí todos os matos que ela passou ela colheu!*

Nesse momento, minha mente já estava imaginando todo o cenário onde a história encantada ocorria, me recordei que era disso que eu mais gostava, dos adjetivos que elas colocavam, nos detalhes do ambiente. Quando minha avó disse: “*O mato muito cerrado para passar*” vai compondo a narrativa, e dando gosto a história.

Minha mãe então complementou:

**Minha mãe:** *Ah mãe, o primeiro era de prata! O segundo era de ouro e o terceiro de diamante não era?*

E minha avó concordando disse:

**Minha avó:** *Acho que o terceiro era de diamante porque ele falou assim:*

**Boi azul** - *Olha Helena, cê não colha nenhuma folhinha porque aqui o boi é mais bravo ainda, aí é perigoso matar eu, e você fica sozinha.*

Então minha avó continuou:

**Minha avó:** *Sei que cada lugar tinha um bicho para ele brigar né? Aí ela colhia a folha e dizia:*

**Helena** - *Ai meu boi, colhi uma folha!*

**Minha avó:** *Ele deixava ela uma altura assim do caminho, voltava e brigava com o bicho até que ele vencida ela subia nas costas dele, e ele tinha que passar outro mato, tinha ouro né?*

Recordando da memória da minha mãe e continuou:

**Minha avó:** *Aí ele falou assim*

**Boi Azul** -*Olha Helena, não colha nenhuma folha, que aqui o bicho é mais bravo que o primeiro.*

**Minha avó:** *Aí ela colheu!*

E se referindo à voz mais fina da Helena disse:

**Helena** -*Ai meu boi azul, me desculpa, mas eu colhi uma folha!*

Continuou a narrativa:

**Minha avó:** *Ele voltou e falou:*

**Boi Azul** - *Tá bom então! então não jogue!*

**Minha avó:** *Tudo as folhas que ela colhia:*

**Boi Azul** -*Então não jogue! Não jogue, se colheu não jogue...*

**Minha avó:** *E voltava e brigava brigava com o bicho até que ele vencida, né?*

Outro fator que eu sempre gostei dos contos orais que minha avó e minha mãe contava era as repetições para dar intensidade a narrativa “*Não jogue, não jogue!*”, “*Brigava, brigava*”. Parecia que quando as palavras se repetiam eu precisava intensificar minha imaginação para aquele momento. Parece-me ainda que era uma característica própria de como elas também ouviram a história, porque em alguns momentos do conto acontece como no parágrafo seguinte:

Minha avó diz de maneira simples:

**Minha avó:** *Aí chegou em um morro*

Mas não contente com a forma simples, reformula e diz:

**Minha avó:** *Andou andou andou e chegou em um morro.*

Essas são características que se repetiam no estilo de contação de histórias da minha avó e da minha mãe.

Minha avó continuou dizendo:

**Minha avó:** *Daí colocava nas costas e para passar o terceiro lugar. O terceiro era só de diamante, coisa mais linda! né? Daí ela se encantou com aquilo lá e colheu uma folha, aí disse assim:*

**Helena** -*meu boi azul, mil desculpas, colhi uma folha! não resisti!*

**Minha avó:** *Aí o boi:*

**Boi azul-** *Se colheu então não jogue, daí agora o bicho é mais bravo ainda.*

**Minha avó:** *Daí foi brigou brigou brigou com o bicho até que ele venceu, venceu e já estava quase morrendo de tanto brigar, foi lá pegou ela e levou a menina né? Aí chegou em um morro... Andou andou andou e chegou em um morro. Daí o boi foi e falou assim:*

**Boi azul** -*Olha, agora você me mata!*

**Minha avó:** *Daí ela começou a chorar:*

**Helena** - *Ai meu boi azul, nós viemos de tão longe, agora eu vou matar você? Não! não quero fazer isso não, você me ajudou tanto!*

E com uma voz forte minha avó respondeu a menina entrando no personagem do boi azul:

**Boi azul** - *NÃO! Eu preciso morrer aqui!*

e dando prosseguimento disse:

**Minha avó:** *falou para ela:*

**Boi azul-** *Dentro da minha barriga tem uma varinha, tudo o que você pedir, é só chamar por mim : meu boi azul! Que eu apareço e te levo onde você quiser...*

Então deu a impressão de que a segunda parte da história estava a caminho, pois ela fechou o ciclo dizendo:

**Minha avó:** *É mais o menos assim...não vou dizer que seja assim completo assim...Mas é mais o menos, porque faz tempo, não alembro mais!*

Com uma voz decidida disse:

**Minha avó:** *Ela matou ele! Dai onde ela queria ir.. é... ela chamava o boi pra levar ela. Era aqueles casos de princesa, Natalia! Batia a varinha e falava assim:*

**Helena** - *Ai meu boi azul, tô precisando de você!*

**Minha avó:** *Aí vinha aquela carruagem. Sei que daí era para ela matar ele , tirar a varinha; E era para ela tirar a roupa dela e molhar no sangue dele. Aí tinha um palácio lá perto, que era para ela pedir um emprego lá. Então ela foi e arrumou um emprego. Daí ela fazia as coisas. Tinha um moço que não gostava dela. Todas as coisas que ela fazia ele tinha nojo de comer, não queria comer, tal assim sabe? Porque ela lidava com as coisas! matava galinha... e respingava tudo a sujeira!*

Recuperou o fôlego e disse:

**Minha avó:** *Cada lugar que tinha festa ela batia com a varinha e chamava o boi azul, uma vez ele levou ela na mesma festa que esse príncipe tava ne? que tinha nojo de comer as coisas dela...Dai ele ficou gostando dela! Daí começou dar em cima dela sabe?*

Se referindo a Helena explicou:

**Minha avó:** *Ela antes de umas horas da noite... Ela tinha horário para ela chegar na casa. Ela tinha que sair correndo e chamar o boi azul para levar ela de volta.*

Temos agora dois finais possíveis para a história, o primeiro foi contado pela minha avó com um sentimento de incerteza de que estava esquecendo alguma coisa:

**Minha avó:** *Daí, até que ele descobriu por causa do vestido dela que... aí... ficou preso não sei aonde.... E ele, pegou acho que pedaço, e viu que era dela... Daí casou com ela. É mais o menos isso.*

Minha mãe então interveio:

**Minha mãe:** *Eles foram felizes para sempre”.*

**Minha avó:** *Não alembro, tô meio inventando aqui. Se você lembrar de algum pedaço, você imenda.*

Então minha mãe se explica com delicadeza:

**Minha mãe:** *Não! A senhora contou certinho.*

Com uma voz de quem está desconfiando de algo minha mãe comenta:

**Minha mãe:** *Viu... É nessa historia ai, que ela assa um bolo e dentro do bolo tem uma anel?”*

Isso fez minha avó recordar de outro final, então exclamou:

**Minha avó:** *AI EU ACHO QUE É. ela assa um bolo e coloca um anel! É isso aí mesmo viu?! Se ta com a cabeça melhor do que a minha!”*

**Minha mãe:** *Não não, da senhora ta muito melhor porque tem muita coisa que eu não lembrava que a senhora lembrou.*

Então minha vó continuou a história até o fim:

**Minha avó:** *Ela trabalhava lá... ela fez um bolo! Ele deu um anel para ela na festa, daí ela queria que ele soubesse que era ela e quando ela foi trabalhar, ela fez um bolo e colocou.*

Voltando-se para nós reafirmou:

**Minha avó:** *Por que ela ficava linda né? o Boi trazia vestido, sapato de cristal, tiara... ela chegava linda, mas quando ela ia trabalhar ela vestia a roupa dela tudo feia, tudo suja de sangue por isso ele tinha nojo...*

Voltou a narrativa:

**Minha avó:** *Mas ela era uma princesa, ela colocou o anel no bolo e ele descobriu que era ela, aí ele casou com ela.*

Para finalizar modestamente disse:

**Minha avó:** *Fala para sua mãe ver o que eu não coloquei e colocar na história...*

Emendou:

**Minha avó:** *Ele não gostava dela achava ela muito feia, no fim ela era bonita... e tinha tudo isso a história.*

Chegamos assim ao final feliz do conto intitulado “Helena”.

Quando refletimos sobre as características do conto Helena podemos já em uma primeira análise perceber que o conto carrega características que evidenciam como os contos populares percorrem as regiões e se envolvem com as suas realidades. Durante a defesa deste TCC, o professor Márcio Antonio Gatti apontou que o nome da protagonista, Helena, é tradicional desde a Grécia antiga, estando presente em contos conhecidos como por exemplo: Guerra de Tróia. A professora Rosa Aparecida Pinheiro também lembrou que a figura do boi é muito presente e importante na tradição oral nordestina no Brasil.

Os contos carregam aspectos próprios que fazem desse gênero tão característico. Vemos nos contos muitas semelhanças com o desenrolar de nossa vida. Convido você, leitor e leitora, a embarcar nessa viagem fantástica ao mundo maravilhoso dos contos de fadas, para quem sabe, viver ressignificar o ordinário em extraordinário.



No capítulo “Algumas notas metodológicas”, apresentarei o caminho que trilhei para desenvolver essa pesquisa, desejando que você possa entender um pouco mais sobre minhas escolhas nessa aventura mágica. No capítulo seguinte irei refletir sobre a literatura como direito fundamental, sendo necessário para o pleno desenvolvimento de nossos educandos na escola.

O próximo capítulo que fala sobre letramento literário como estratégia para uma educação estética, e tem a intenção de nos auxiliar no uso mais significativo da literatura dentro da escola para que o educando se aproprie da literatura, da linguagem e viva experiências estéticas que permitem que ele seja autor criativo da sua vida. Apresento ainda neste capítulo minha experiência no estágio de ensino fundamental anos iniciais que ocorreu pelo Programa Residência Pedagógica (PRP) em diálogo com as teorias presentes no TCC.

Nos dois últimos capítulos, apresentarei, no primeiro, uma breve história dos contos de fadas, e sua importância para a formação do ser humano e para o conhecimento da história e, também, um pouco sobre as características desse gênero específico. Por fim, por meio da BNCC e da Política Pública PNLD Literário, refletirei sobre as possibilidades de atuação em sala de aula com os livros desse acervo.

## 2 ALGUMAS NOTAS METODOLÓGICAS

Existem muitos assuntos a serem discutidos por nós educadores que são extremamente importantes para um processo de ensino-aprendizagem comprometido com uma educação plena e de qualidade. Os assuntos são tantos, que escolher sobre um deles foi meu primeiro processo de pesquisa, talvez o mais árduo de todos. Um dia, meu noivo, vendo minha aflição de decidir algo tão importante em tão pouco tempo, me disse que meu TCC não precisa ganhar o peso de salvador do mundo. Ele precisa falar comigo e fazer sentido para mim, ele teria o potencial de me ajudar no exercício da minha profissão e, assim, através de mim chegar às crianças, finalizou dizendo que isso já era muito importante.

Depois de intensamente refletir, decidi me comprometer e me dedicar a aprofundar os assuntos relacionados à literatura e à educação. Meu olhar visualizou as inúmeras ramificações que levam essa discussão, mas como dizem "o passado serve de lição para o futuro." minhas experiências enquanto estagiária trouxeram à tona diversas ponderações, começando através de um livro que li pensando em um contexto educativo que estava vivendo. O livro se intitula **Histórias Curativas para comportamentos desafiadores** de autoria de Susan Perrow (2008).

Perrow (2008) conta neste livro um pouco da sua jornada com a história, e toca muito no potencial que a imaginação tem para todos nós seres humanos, no decorrer do tempo. Ela destrincha reflexões a respeito da tradicional sabedoria dos anciões de diversos povos que era passada de geração em geração através de histórias, fala do poder curativo, organizativo que as histórias possuem, e começa a entretecer contos de sabedoria das mais diversas culturas com a sua própria elaboração de histórias.

Olhando para minha realidade de estudante em comparação com minha infância, senti profundamente a falta das possibilidades imaginativas na minha vida. Olhei para o presente, e identifiquei o sentimento de vazio do olhar restringido pela matéria, o ordinário já era muito comum. Não era para ser assim! O que estou sentindo falta? Lembrei-me também de minhas experiências na escola estadual Suzana Walter e da mudança que o simples acesso aos livros começou a fazer naquela instituição.

Comecei então minha pesquisa exploratória, e aos poucos me debrucei sobre estudiosos que defendem que educação e literatura não se separam. Vi muitas *lives*,

no *Youtube* de estudiosos a respeito e por fim escolhi o livro de um dos meus escritores favoritos: J.R.R. Tolkien e para entendê-lo com mais profundidade assisti várias *lives* do maior canal de Tolkien do Brasil e atrevo-me a dizer, do mundo: *Tolkien Talk*<sup>2</sup>. Para contextualizar a obra de Tolkien, encontrei vídeos de discussões a respeito do assunto da doutoranda em estudos comparados em literatura e mestra em letras Cristina Casagrande.

As palavras de Tolkien começaram a ganhar sentido profundo, pois quando ele diz: “Se todas as cavas do mundo enchamos com elfos e duendes, se fizermos, deuses com casas de treva e de luz, se plantamos dragões, a nós conduz um direito. E não foi revogado. Criamos tal como fomos criados.” Era isso que eu estava buscando, queria encher as cavas do meu mundo de elfos e duendes e de diversas possibilidades imaginativas, assim como era quando escutava as histórias de fadas e depois resignificava através delas, minhas experiências.

Também li o livro **Ortodoxia** de Chesterton (1908) que foi citado por Tolkien. O capítulo “A ética da terra dos Elfos” ganhou mais relevância para minha reflexão, pois reconheci minha avó e minha mãe como as sacerdotisas solenes que me apontaram as estrelas da democracia e da tradição. Neste capítulo, Chesterton (1908,p.61) afirma:

Minha primeira e última filosofia, na qual creio com uma certeza inquebrantável, foi apreendida no berço. Aprendi a de uma babá; isto é, da sacerdotisa solene - e apontada pelas estrelas-da democracia e da tradição. As coisas em que mais acredito, e ainda mais agora, são o que chamamos de contos de fadas. Surgem diante de mim como coisas inteiramente razoáveis. Não são fantasias: as outras coisas é que são fantásticas em comparação.

Muitas ideias de diversas ramificações sobre o estudo da literatura estavam em minha pequena cabeça: como fazer um TCC a partir delas? Queria que meu TCC fosse fiéis às minhas reflexões, e respondesse minhas perguntas, foi então que procurei orientação para trilhar minha caminhada.

Meu orientador começou a conversar comigo e fez a seguinte pergunta: Qual é seu conto de fadas favorito? Responderia para ele essa pergunta posteriormente, pois minhas mais doces memórias eram compostas por minha avó contando história quando fui dormir na casa dela, e minha mãe contando histórias no calor de nossa casa para mim. Os adjetivos dessas histórias sempre me impressionaram, elas me faziam sentir a magia.

---

<sup>2</sup> Link do canal *Tolkien Talk*: [https://www.youtube.com/channel/UCZTIOgWlTp2\\_dGQD\\_9PSSw](https://www.youtube.com/channel/UCZTIOgWlTp2_dGQD_9PSSw)

Foi então que se iniciou a minha pesquisa de campo na conjuntura da pandemia COVID-19, a coleta de dados foi orquestrada através de uma ligação telefônica para minha avó, pois estávamos de isolamento social, e juntas, eu e minha mãe, conversamos um pouco com ela sobre a tradição oral de nossa família. Não fiz um roteiro pré estabelecido para essa coleta de dados, deixei que as lembranças guiassem as perguntas, então, pedi que ela me contasse uma história e foi então que o conto Helena entrou para o meu TCC.

Meu problema de pesquisa não estava claro, não tinha delimitado o tema ainda, então, para que eu compreendesse mais sobre o processo de escrita. Meu orientador indicou Létourneau (2011) que aponta uma metodologia da pesquisa que dá autonomia principalmente para o pesquisador iniciante, e também Antonio Carlos GIL (2002). A partir dessas reflexões, pensar na importância dos contos de fadas na formação do leitor literário nos anos iniciais, articulando a oralidade e o acesso a livros literários como um direito se tornou nosso objetivo geral e, como objetivos específicos, pesquisar as políticas públicas educacionais como o PNLD Literário e a BNCC assim como, refletir sobre o acervo e seu acesso na escola.

Durante a pesquisa bibliográfica, encontrei alguns autores que estudam sobre contos de fadas para me auxiliar nesse desenvolvimento: Vladimir Propp que estuda a morfologia dos contos de maravilhosos, seu estudo promove a autonomia na criação e conhecimento dos contos de fadas; e Irene Machado que me ajudou com seu estudo sobre contos de fadas a me aprofundar na metodologia científica de Vladimir Propp. Como na minha experiência no estágio, falamos muito sobre o direito que as crianças têm de ter acesso aos livros, descobri Antonio Cândido que escreve sobre o direito à literatura.

Para entendermos a relação da literatura com a escola e pensar em uma prática educativa efetiva, li alguns verbetes do glossário do CEALE, e descobri o livro **Letramento literário** de Rildo Cosson. Visando compreender mais sobre a experiência literária, também li o capítulo "Educação Estética" do livro **Psicologia pedagógica** de Liev Semionovich Vigotski, para entender um pouco mais sobre a experiência estética que ocorre no contato com as artes em geral, pensando especificamente na literatura.

Essas, juntamente com os livros que já havia lido, foram se formando as referências principais da minha pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002, p.44)

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

O próximo passo depois de desenvolver minha pesquisa bibliográfica, foi relacionar a minha experiência de estágio com essas teorias que agora estavam fazendo mais sentido para mim. Esse relato foi parcialmente apresentado na introdução do TCC.

Para completar minha pesquisa, notamos a necessidade de realizar uma pesquisa documental visando analisar a literatura, o letramento literário e a educação estética dentro da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de maneira a relacionar o percurso do estudo com esse documento normativo tão importante para educação. Do mesmo modo foi feita uma pesquisa no Guia Digital do PNLD literário 2018 objetivando uma curadoria dos livros do gênero contos de fadas, para que através da pesquisa realizada no presente TCC os educadores pudessem usar os livros disponibilizados através dessa política pública em suas práticas na sala de aula. De acordo com Gil (2002, p. 46)

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

Depois de muito escrever e estudar, meu tema foi ficando claro, e intitulei essa aventura acadêmica de **O DIREITO À LITERATURA: Letramento literário e contos de fadas como resignificação do ordinário em extraordinário**, pois, foi exatamente o que ela significa para mim. Continuaremos, então, a leitura desse TCC com a discussão sobre o direito à literatura, pois tudo começa com o tocar, com o sentir, com o acesso.

### 3 A LITERATURA COMO DIREITO FUNDAMENTAL

Todo ser humano sem distinção têm “direitos” e deveres garantidos, pelo menos no papel, pelas leis. Todavia, esses direitos geralmente não chegam a todos. Essa é uma realidade visível no Brasil, nosso relacionamento com o mundo, no dia a dia nos mostra essas diferenças, enquanto esperamos o ônibus ou paramos no sinal vermelho com o carro, também no estacionamento de um mercado, sentados vendo tv, nas homilias, nos discursos da faculdade, nas avenidas e centros, vemos pessoas sem casas, dormindo na rua, deitando no chão, com fome.

Algumas situações são demasiadamente discrepantes que nos fazem constatar imediatamente que a ausência desses bens que os sujeitos estão privados são incompreensíveis. O direito à moradia por exemplo é algo mais exposto, pois encontramos pessoas em situação de rua com grande frequência. Estes se encontram vivendo condições de extrema miséria. É perceptível que o homem não “vive” nessas condições e, sim, luta por sua sobrevivência e é incompreensível que um ser humano viva assim.

Cândido (2011, p.175-176) explica que costumamos classificar como “bens incompreensíveis” em sua ausência aqueles cuja característica assegurem a sobrevivência física em níveis decentes, geralmente, incluem alimentação, moradia, vestuário, instrução, saúde, liberdade etc. Já os bens “compreensíveis em sua ausência” são os livros, as roupas, os cosméticos e assim por diante.

Mas a pobreza do Brasil não se resume às pessoas em situação de rua, ou às que encontramos nos lugares que frequentamos. Vemos que as cidades estão divididas entre bairros mais “nobres” e mais “pobres”, vemos famílias vivendo situações de miséria, longe do olhar da sociedade. Essa dinâmica é clara nas escolas, pois não sendo ilhas, estão envolvidas por essas diferenças. As que estão em bairros mais “periféricos” sentem alguns dos impactos que os moradores daquela região sentem, e se emaranham nas situações que estes vivem.

Cândido nos chama a refletir que a desigualdade está muito além do que é percebido por nós, ou seja, não é fácil notar a ausência dos bens materiais na vida das pessoas, muito menos, os espirituais, e esses também são incompreensíveis em sua ausência. Existem bens materiais e espirituais que sua ausência trazem graves consequências aos seres humanos.

Nas escolas que realizei estágio, foi visível essas realidades destoantes que aparecem no cotidiano dentro das instituições. Observei diferenças nas estruturas físicas das escolas onde as crianças estavam todos os dias, nos materiais disponíveis, oportunidades etc.

Segundo Candido (2011), necessitamos, do ponto de vista social, construir leis específicas garantindo que os pobres e desvalidos tenham direitos a bens materiais e espirituais, assim como a igualdade de tratamento. Reflete que é necessário que reconheçamos que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o outro. Todavia, isso é algo difícil de ser concebido, pois exige um olhar para outro de maneira empática, porém, nos encontramos tão presos em nós mesmos que isso se torna um desafio, uma vez que "enxergar" o outro na correria do dia a dia da produção não é uma prioridade.

Nós educadores estamos envolvidos por essas realidades da sociedade, e somos chamados ao compromisso de estarmos atentos para que nenhum direito fundamental seja retirado das crianças e adolescentes nas nossas escolas, e devemos zelar junto com a família e sociedade para que possam ter todas as oportunidades e facilidades para seu desenvolvimento, sejam elas moral, física, mental, espiritual e social, sempre de maneira digna e em condição de liberdade.

No presente trabalho, estamos dando ênfase nos contos de fadas, portanto, escolhi trazer um pouco sobre as ideias de Candido (2011) sobre o direito à literatura, refletindo a respeito do acesso a ela como fundamental para o desenvolvimento pleno e integral do ser humano em todas as suas dimensões. Levo em consideração as minhas vivências no chão da escola que mostra a pouca discussão e conhecimento a respeito desse "direito" tão insuficientemente discutido.

Candido (2011,p.176) explica que a literatura só seria vista como um "bem incompreensível" se mostrasse que corresponde às necessidades profundas que não podem deixar de ser satisfeitas sob pena de desorganização pessoal ou pelo menos frustração mutiladora.

Em seu estudo, ele responde que a literatura se enquadra nessa categoria e deve ser reconhecida como direito, uma vez que:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2011,p.188)

O teórico da literatura argumenta que a literatura, da maneira mais ampla possível, está presente em cada um de nós, seja analfabeto ou erudito.

Todas as criações de toque poético, ficcional, dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis de produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 2011.p.176)

Ele apresenta a hipótese de que não pode haver equilíbrio psíquico sem a literatura assim como não pode haver equilíbrio psíquico sem o sonho, pois os dois se configuram em um instrumento indispensável de humanização, confirmando o homem na sua humanidade. Ainda afirma que o homem não pode passar nem 24 horas do seu dia, sem se entregar a esse universo,

Ora, ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito. (CANDIDO, 2011.p.177)

Também verifica-se que a literatura carrega funções simultâneas significativas para o ser humano em seu processo de desenvolvimento integral. Uma das funções apontadas por Candido (2011,p.179) explica que o poeta ou narrador nos propõe através de uma construção autônoma (com estrutura e significado) abstrair e pensar, isso promove organização e ordenação da nossa mente, sentimentos etc. ou seja, nossa visão de mundo. A literatura carrega o conhecimento intencional do autor que tem convicções e deseja exprimi-las colocando propagandas, ideologia, crença, revolta, adesão etc.

Digamos que o conteúdo atuante graças a forma constitui com ela um par indissolúvel que redundem certa modalidade de conhecimento. Este pode ser uma aquisição consciente de noções, emoções, sugestões inculcamentos, mas da maior parte se processa nas camadas do subconsciente do inconsciente, incorporando-se em profundidade como enriquecimento difícil de avaliar. As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e nossa visão de mundo. (CANDIDO, 2011.p.182)

Também verifica-se na literatura sua função “humanizante”, que nos torna compreensivos, abertos para o outro, para a natureza, assim como para a sociedade e tudo o que carrega. Ela nos auxilia a tomar posições frente a situações adversas.

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, aquisição do saber, a boa disposição para com próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do



mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, ou semelhante. (CANDIDO, 2011, p.182)

Compreendemos assim que a literatura fortalece a criticidade, engajamento, contribuindo para a formação de cidadãos responsáveis que fazem escolhas e agem de acordo com uma visão de mundo.

A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou denegação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto no nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2011, p.188)

A literatura, nesse sentido, é uma manifestação universal dos homens que confirma e nega, propõe denúncia, apoia combate, fortalecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Ela não é somente uma experiência, mas uma aventura pois tem papel formador da personalidade. Como instrumento educativo a literatura se configura em uma ferramenta intelectual afetiva poderosa de instrução. Nela encontramos os princípios que a sociedade valoriza e os que considera prejudiciais.

Portanto, tendo em vista que a literatura é necessária para o ser humano se desenvolver plena e integralmente, fica claro que a educação precisa dar mais atenção do que tem dado à literatura,

portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2011, p.193)

Além da literatura se mostrar necessária para o desenvolvimento pleno do ser humano, verificamos que o acesso a essa precisa ser facilitado, pois ela se configura como um bem historicamente produzido pela nossa sociedade, ao qual todos temos direito.

A literatura anda de mãos dadas com a educação, tanto pela gama de conhecimento historicamente produzido que ela carrega, quanto pela semelhança das duas serem consideradas “direito” de todo sujeito. Ou seja, todos possuem tanto direito à educação como à literatura, pois as mesmas são bens necessários, sendo

incompreensível sua ausência. Assim percebemos a necessidade como educadores de se apropriar da literatura para aproximá-la dos educandos. A mesma se configura como um instrumento indispensável a todo educador comprometido com o direito das crianças ao conhecimento.

Alguns carregam a ideia de que literatura se encontra distante das pessoas, como se a mesma fosse somente para alguns sujeitos “mais capacitados”. Ganha assim um caráter ilusório de desagregação. Isso é observado em algumas escolas, onde as crianças constroem desde cedo que os livros são para outros tipos de sujeitos que não elas mesmas. Essa visão carrega a baixa auto-estima dos estudantes, assim como torna claro as distâncias impostas pela desigualdade social.

Esse TCC é um convite para que como educadores pensemos em práticas que visam a aproximação da literatura desses sujeitos, utilizando especificamente o gênero “contos de fadas”. É importante destacar que a literatura clássica por exemplo nasceu dos contos orais, coletados no solo das sociedades e transformados em livros por algumas pessoas. Essas histórias eram contadas sem distinção de classe, cor, gênero etc. Nessa linha, Cândido (2011, p.192) fala sobre o poder universal dos grandes clássicos que ultrapassam a barreira da estratificação social e, de certo modo, podem redimir as distâncias impostas pela desigualdade econômica, pois eles têm a capacidade de interessar e devem ser levados ao maior número de pessoas.

Qual seria a melhor forma de levar os contos de fadas para o maior número? Como podemos dar a “chave” desse baú do tesouro para nossos educandos? Se desejamos que nossos alunos se tornem sujeitos que apropriem-se da literatura, precisamos realizar uma prática onde eles possam se aproximar dela.

Uma forma de aproximar os sujeitos da literatura é a prática conhecida como “letramento literário”. Mas, o que é “letramento literário”? Por que o “letramento literário” está sendo visto no presente trabalho como uma forma de aproximar os educandos da literatura?

#### 4 LETRAMENTO LITERÁRIO COMO ESTRATÉGIA PARA UMA EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Segundo Cosson (2014), letramento literário é o processo, ou seja, um ato contínuo, assim, ela ocorre desde o início da infância, com as cantigas de ninar e continua por toda a nossa vida até chegarmos ao ponto de apropriação da literatura enquanto linguagem. É preciso entender como “apropriação” exatamente esse sentimento de “proximidade” que estamos falando, pois quando nos “apropriamos” de algo nos referimos ao ato de tomar algo para si, de internalizar a ponto daquela coisa ser sua.

Podemos perceber que nos apropriamos da literatura quando lemos algo e sentimos que ele nos dá as palavras para expressar o que não conseguimos dizer antes, ou quando aprendemos com um personagem que há mais de um modo de percorrer os caminhos da vida. Portanto, estamos falando que a apropriação da literatura nos faz construir com seu auxílio sentidos para nossa vida. Para Cosson (2014), “essa singularidade da linguagem literária, diferentemente de outros usos da linguagem humana, vem da intensidade da interação com a palavra que é só palavra e da experiência libertária de ser e viver que proporciona.”

A experiência estética que ocorre no contato com a literatura segundo Vigotski (2003, p.239) germina a transformação do ordinário onde o fator principal não deve ser considerado o embelezamento da vida, mas uma reelaboração criativa da realidade, isto é, uma elaboração das coisas e do próprio movimento das coisas que iluminará e elevará as vivências cotidianas ao nível das criativas.

Aqui está a chave para a tarefa mais importante da educação estética: inserir as reações estéticas na própria vida. A arte transforma a realidade não só em construções da fantasia, mas também na elaboração real das coisas, dos objetos e das situações, a moradia e a vestimenta, a conversa e a leitura, a festa escolar e o modo de caminhar: tudo isso pode servir como material sumamente promissor para a elaboração estética. A beleza deve deixar de ser uma coisa rara e própria das festas para se transformar em uma exigência da vida cotidiana, e o esforço criativo deve impregnar cada movimento, cada palavra e cada sorriso da criança. Potebnia disse de uma bela maneira que, assim como a eletricidade não está apenas onde há tormentas, a poesia também não está apenas onde existem grandes criações artísticas, mas em todos os lugares onde a palavra humana estiver. E essa poesia de “cada instante” é o que talvez constitua o objetivo mais importante da educação estética. (VIGOTSKI, 2003, p.239)

Nos contos de fadas isso ocorre conforme explica Coelho (2012) quando as coordenadas invariantes do enredo do universo literário se correlaciona com a do universo humano. Assim, o leitor ou ouvinte sente-se projetado em seus próprios anseios que parecem se realizar. Tolkien (2020) chama de “escape” e “consolo” essa característica que aparece muito nos contos de fadas.

Para que possamos entender ainda melhor, como a prática do letramento literário aparece para nós no presente trabalho, como uma forma de aproximação dos nossos educandos da literatura, Cosson (2019,p.16) faz uma analogia utilizando a imagem simbólica do corpo físico que todos temos:

Gosto da ideia de que nosso corpo é a soma de vários outros corpos. Ao corpo físico somam-se um corpo linguagem, um corpo sentimento, um corpo imaginário, um corpo profissional e assim por diante. Somos a mistura de todos esses corpos, e é essa mistura que nos faz humanos. As diferenças que temos em relação aos outros devem-se à maneira como exercitamos esses diferentes corpos. Do mesmo modo que atrofiamos o corpo físico se não exercitarmos, também atrofiaremos nossos outros corpos por falta de atividade.

Assim, Cosson (2019) enfatiza a necessidade do ser humano de exercitar seu corpo linguagem, tão importante como o corpo físico, sob pena de atrofiá-lo caso não tenha atividade.

Nós temos várias formas de exercitar nosso corpo linguagem, fazemos isso o tempo todo enquanto nos relacionamos com o mundo. Todavia, uma das formas mais centrais do exercício do nosso corpo linguagem é através da escrita. Cosson (2019,p.16) explica que todas as transações humanas de nossa sociedade passam pela escrita, mesmo as que aparentemente são orais ou imagéticas. Isso ocorre porque é através da escrita que armazenamos nossa sabedoria, e nos libertamos dos limites de tempo e espaço que nos é imposto.

Quanto mais exercitamos esse corpo linguagem, por consequência, será cada vez maior nosso mundo. Para Cosson (2019, p.15-16), “no princípio e sempre é o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós [...] O corpo linguagem, o corpo palavra, o corpo escrita encontram na literatura seu mais perfeito exercício”.

O autor considera que a literatura explora as potencialidades da linguagem, assim, o mundo é reconstruído pela força da palavra. isso é fundamental para a Constituição de um sujeito da escrita, pois é na relação com a leitura e escrita dos textos literários que temos contato com as regras impostas pelos discursos da nossa sociedade letrada, assim constrói-se uma relação de pertencimento para com a

linguagem. A literatura realiza processos formativos tanto da linguagem quanto do sujeito leitor e escritor, ela nos oferece ferramentas para expressar o que antes não conseguimos e nos ajudam a precisar o que queremos dizer ao mundo e a nós mesmos. Para ele,

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborada, ela é a incorporação do outro em mim, sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser os outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo do espaço de nossa experiência, e ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2019, p.17)

Muitos educadores desacreditam desse potencial da literatura. Influenciado por diversas ideias gerando a “falência do ensino da literatura” e por consequência a falência do ato de construção e reconstrução da palavra que nos humaniza. Nesse sentido, precisamos nos desprender da relação conteudística para compreender que mais que um conhecimento literário, a literatura proporciona uma experiência de leitura que deve ser ampliada e compartilhada buscando sempre quebrar o círculo da reprodução, permissividade, de maneira a proporcionar que a literatura seja praticada sem o abandono do prazer, mas com o compromisso que todo o saber exige:

É fundamental que se coloque como centro as práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos, e não as informações das disciplinas que ajudam a constituir essas leituras, tais como a crítica, a teoria, ou a história literária. Essa leitura também não pode ser feita de forma assistemática e em nome de um prazer absoluto de ler. Ao contrário, é fundamental que seja organizada segundo os objetivos da formação do aluno, compreendendo que a literatura tem um papel a cumprir no âmbito escolar. (COSSON, 2019 p.23)

Parece que nesse ponto, encontramos a chave que entrará na fechadura da intenção educativa de aproximação do educando com a literatura. Para sistematizar esse conhecimento é necessário perguntarmo-nos : como trabalhar a literatura de maneira efetiva como educadores? Como realizar o letramento literário?

Para assegurar com compromisso que os sujeitos tenham direito ao conhecimento produzido pela nossa humanidade no decorrer da história, nós educadores temos objetivos de formação, projetos, finalidades etc. Na prática de letramento literário ocorrerá a mesma coisa, todavia, de uma forma mais “integrada”.

Cosson (2014, grifo nosso) explica que o letramento literário possui quatro características fundamentais, conforme observado na Tabela 1:

Tabela 1 - Características fundamentais do letramento literário

1. Contato direto da obra com o leitor, para tal é necessário dar ao aluno a oportunidade de **interação com as obras literárias**;
2. Depois passa-se por um processo necessário da **construção de uma comunidade de leitores**: Nesse espaço há respeito pelos interesses e graus de dificuldade que o educando possa ter em relação às obras literárias, também, os sujeitos envolvidos compartilham suas leituras. Para tal é preciso da circulação de textos. Nessas comunidades de leitores “os alunos e as alunas vivem condições de excelência para o desenvolvimento de repertórios de saber mais alargados sobre o mundo, a língua e a literatura, seus valores e papéis mas, sobretudo, de modos próprios de ser leitor, ou seja, da identidade letrada.”;
3. Uma das características importantes do letramento literário é a **ampliação do repertório literário dos educandos**. Nessa prática o educador acolhe na escola as mais diversas manifestações culturais tendo em mente que a literatura não está somente nos textos, mas em tantos outros suportes;
4. Finalmente, tal objetivo é atingido quando se oferecem **atividades sistematizadas e contínuas** direcionadas para o desenvolvimento da **competência literária**, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário.

Fonte: produzida pela autora deste trabalho a partir das colocações de Cosson (2014, grifo nosso).

A análise literária, por exemplo, propõe a literatura como um processo de comunicação que demanda respostas de quem lê, convidando-o a caminhar pela obra e explorá-la das mais diversas maneiras. Quando esse processo se efetiva, ocorre a leitura literária. Cosson (2019 p.29) complementa explicando que quem passou a vida toda preenchendo fichas literárias, terá dificuldade de contemplar a beleza uma obra literária mais complexa, mas não sentirá dificuldade de fruir uma ficção que é oferecida nas revistas. Portanto, a análise literária não destrói a magia das obras, mas permite que o leitor possa compreender e penetrar melhor e com mais intensidade nessa “magia”:

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque está apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância. (COSSON, 2019, p.29)

A interação social é um eixo importantíssimo nessa prática que tem como característica a construção e colaboração conjunta. Se o nosso objetivo for formar leitores que possam experimentar a força humanizadora da literatura, não basta apenas ler. Cosson (2019) explica que existem muitas implicações contidas no ato

de ler e de ser letrado, portanto, é para ir além dessa leitura “simples” que o letramento literário se torna fundamental para o processo, ou seja,

na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou por que seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, Por que nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2019 p.30)

Cosson (2019) explica que se não exercitarmos o corpo linguagem, corremos o risco de atrofiá-lo, e Cândido (2011) afirma que sem a literatura podemos sofrer desorganização pessoal mutiladora. Nesse sentido, divido com vocês, uma experiência que vivi durante meu estágio na graduação que me mostrou empiricamente um pouco de como a literatura ressignifica o ordinário em extraordinário.

#### 4.1 UMA EXPERIÊNCIA COLETIVA NO ESTÁGIO DE RESIDÊNCIA PEDAGOGIA

Nossa profissão nos leva para o caminho da luta, pois nos deparamos o tempo todo com educandos em diferentes situações. Muitas vezes trabalhamos em escolas com realidades totalmente diferentes e percebemos que algumas escolas possuem mais condições de acesso aos bens historicamente produzidos que outras. Verificamos então diversas formas de resistência se configurando no cotidiano escolar. O presente relato se configurou em uma forma de resistência ao direito violado à literatura.

Tive o privilégio de realizar o estágio do ensino fundamental na escola Estadual Suzana Walter, uma instituição educativa com uma equipe de educadores acolhedores e interessados em repensar suas práticas para ir além e assim oferecer o melhor para seus educandos. Foi através dessa abertura a reflexão que a comunidade de educadores deu ao meu grupo de estágio autonomia para pensar em um projeto que viesse contribuir com a leitura literária na escola.

A escola está localizada em um bairro rural, perto da universidade federal de São Carlos *campus* Sorocaba, no bairro do Itinga. Observamos, terrenos grandes com algumas plantações e algumas casas, possuem poucas ruas asfaltadas e no entorno do bairro é possível verificar a existência de uma igreja, da nossa universidade, pequenos comércios (restaurante, mercearia, bar e farmácia) e

moradias universitárias. O bairro se localiza nas imediações do km 111 da Rodovia João Leme dos Santos, que liga os municípios de Sorocaba e Salto de Pirapora/ SP.

O prédio da instituição é pequeno e composto por: quatro salas de aula, uma biblioteca adaptada na sala dos professores, a qual os alunos não possuem acesso, secretaria junto com a direção, cozinha, três sanitários, um pátio pequeno coberto e a quadra poliesportiva coberta.

Durante o processo de imersão no estágio, vivemos diversas situações em que foi preciso recorrer à teoria. Passamos por muita reflexão, principalmente durante as discussões ocorridas em nossas reuniões do PRP supervisionadas pela professora Doutora Rosa Aparecida Pinheiro.

Notamos que a escola se desenhava para muitos educandos com fortes traços de obrigação, preconceitos, falta de sentido, colorida com reprimendas sem sentido, práticas conteudistas, repressão da criatividade.

Vivenciei práticas onde a leitura se configurava em um instrumento de castigo para o aluno que não estava “atento”, assim como práticas de escrita em que o educando precisava copiar muitas coisas da lousa, letra por letra, sem entender o porquê do registro. Poucos educandos compreendiam aquele lugar como “seu” local de aprendizagem, o que me levou a refletir sobre como a escola ensina a criança a se relacionar com a realidade de uma sociedade letrada?

Cosson (2019 p.16) diz ser importante lembrar que lemos conforme a instituição escolar nos ensinou, da mesma forma que nos relacionamos com a escrita conforme aprendemos com ela. Assim sendo, os livros não falam por si mesmos, eles passam pela nossa interpretação que é apreendida na escola. Levamos nosso processo de educação durante toda nossa vida. Que relação queremos que nossos educandos tenham com a leitura e a escrita?

Olhando especificamente para a literatura que se configura como algo tão precioso em minha história, percebi que a mesma estava na escola sempre em função de alguma atividade de língua portuguesa. Os livros eram escolhidos pela professora sem considerar a opinião dos alunos.

Apesar de existir um “canto da leitura” na sala de aula, esse por sua vez, não traziam diferentes opções de leitura, contendo na sua maioria gibis. Esse espaço também não era muito frequentado, sendo utilizado por um ou outro que terminava a tarefa antes dos demais. Nesses momentos, a leitura tinha o intuito de “passar o tempo”.



Segundo Cosson (2019),esses educadores geralmente propõem atividades cujo potencial da literatura é mingüado. Não poucos pensam que: “só ler já é satisfatório” ou “se diverte o educando é o bastante”. Vigotski (2003, p.228) diz que esse é um erro cometido pela pedagogia tradicional quando reduz a experiência estética da leitura ao sentimento de prazer. Quando visto o prazer é visto como um fim em si mesmo, reduz todas as vivências estéticas ao gozo e a reações hedonistas.

Em suas propostas na sala de aula, os educadores optavam por práticas que trabalhavam a literatura através de leitura extraclases, atividades especiais de leitura, ou a disciplina de língua portuguesa. Cosson (2019, p.22) também fala a respeito dessa realidade:

No ensino fundamental , predominam as interpretações de texto trazidas pelo livro didático, usualmente feitas a partir de textos incompletos , e as atividades extraclases, constituídas de resumo dos textos, fichas de leitura e debates em sala de aula cujo objetivo maior é recontar a história lida ou dizer o poema com suas próprias palavras. Isso quando a atividade que recebe de forma paradoxal o título de especial, não consiste simplesmente na leitura do livro, sem nenhuma forma de resposta do aluno ao texto lido, além da troca com o colega, depois de determinado período para fruição. As fichas de leitura, condenadas por cercear a criatividade ou podar o prazer da leitura, são no geral voltadas para a identificação ou classificação de dados , servindo de simples confirmação da leitura feita.

Ainda durante meu estágio, pude observar o relacionamento das crianças com os livros, e notei que se caracterizavam por contatos cheios de medo, insegurança, obrigação. Nesses contatos esporádicos e fragmentados com a literatura, as crianças não experienciaram o “maravilhamento” que os contos podem proporcionar. Cunha (2014) relata que

do conjunto das experiências com e na literatura é que vão se formar o gosto, as preferências do leitor e sua capacidade de apurar sua forma de perceber e fruir novas experiências estéticas no campo da literatura. Daí a necessidade de a escola, que deve ter como um de seus objetivos o desenvolvimento da leitura literária em seus alunos, insistir na mediação constante e iluminadora da leitura, fazendo da fruição de obras literárias uma experiência reiterada, e não casual, no cotidiano não só da sala de aula e da biblioteca, mas de todo o espaço escolar.

O fato de os mesmos não possuírem acesso à biblioteca que estava recheada de livros em prateleiras e caixas, deixava o cenário ainda mais triste. Ter acesso aos livros na escola é substancial para o educando, principalmente nessa fase escolar da alfabetização. Se a criança está aprendendo a ler e escrever, é vital

ser no contexto das práticas sociais para que ganhe sentido para a mesma, pois de acordo com Cunha (2014)

o leitor tem um papel de criação. Mais ainda do que nos outros tipos de leitura, em função das especificidades da arte literária, para essa experiência estética têm importância conhecimentos prévios do leitor, sua sensibilidade e todo o contexto no qual ele e a obra estão inseridos. Isso torna a experiência com a leitura da obra literária algo tão rigorosamente pessoal para o leitor quanto foi a criação para seu autor. Por isso mesmo, é insubstituível a fruição surgida do contato direto (por audição, leitura ou até assistência da representação, no caso do teatro) com a obra literária: nenhuma resenha, nenhuma palavra de entusiasmo, nenhuma excelente ação de mediação que se faça necessária, para facilitar o encontro do leitor com a obra, pode dispensar seu corpo a corpo com o texto literário.

Não foi somente eu que senti falta da literatura na escola, mas minhas companheiras estagiárias que me acompanharam no processo de formação através do PRP também. Assim, juntas vimos a necessidade de pensar em um projeto de acesso aos livros. Conversamos com as educadoras e elas informaram que os alunos dos terceiros anos não tinham nenhum projeto de leitura. Ficaram animadas com a ideia. Foi nesse contexto que o projeto começou a ganhar vida.

Desejávamos que as crianças pudessem aprender a ler e a escrever além de decodificar sílabas ou palavras, mas que se envolvessem e assumissem essa prática para sua vida, de forma a exercer o direito que possui ao conhecimento historicamente produzido e assumir-se como capazes de ler sua realidade e viver seu papel social de forma cada vez mais ativa no mundo. Desta forma,

a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e a visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2011.p.188)

Sentimos ainda a necessidade de promover uma “renovação” daquela rotina massante e fragmentada que o ordinário das crianças na escola assumia. Tendo isso em vista, acreditávamos que a experiência estética por meio da literatura poderia fomentar esse novo ânimo na escola. Conforme Vigotski (2003,p.239), a educação estética propõe uma constante reelaboração criativa da realidade que eleva as vivências cotidianas ao nível das criativas.

O projeto saiu do papel nos últimos dias do estágio, quando iniciamos as atividades fazendo uma pré-seleção visando aumentar o repertório dos educandos, buscamos encontrar diferentes opções de livros.

Vigotski (2003, p.237) diz que precisamos dar repertório as crianças, para que mesmo que suas imagens tenham uma enorme intensidade não fiquem condenadas a permanecer no estreito círculo das formas primitivas, por isso enfatiza ser importante a mestria na arte, ou seja, as habilidades técnicas, conhecimento das leis da arte, o senso do estilo, o talento, o gosto etc. Para ele,

a estrutura comum da educação social está orientada para ampliar ao máximo os limites da experiência pessoal restrita, para organizar o contato da psique da criança com as esferas mais amplas possíveis da experiência social já acumulada, para inserir a criança na rede da vida com a maior amplitude possível. Esses objetivos gerais também determinam os caminhos da educação estética. (Vigotski, 2003 p.238)

Toda a semana os livros eram disponibilizados no pátio e os alunos poderiam escolher um para levarem para a casa. Percebemos que sempre que um educando se aproximava dos livros se preocupavam com o trabalho que teriam de fazer a respeito, então nós estagiárias promovemos uma prática onde eles pudessem “apreciar” a leitura de maneira “descompromissada”, ou seja, aproveitar o livro dando o sentido que quisessem para eles.

Concordo com Vigotski (2003) quando comenta ser importante que os professores se ocupem de educar a criança na criatividade, assim como promover vivências onde o educando possa perceber e vivenciar as múltiplas expressões de arte:

a tarefa da educação estética, como toda educação criativa, deve partir, em todos os casos normais, da existência dos elevados dons da natureza humana e da suposição de que as maiores possibilidades criativas estão presentes no ser humano, e [que se deve] dispor e orientar as influências educativas para desenvolver e manter essas possibilidades. Portanto, os dons também se transformam em tarefa da educação, embora na velha psicologia eles figurassem apenas como uma condição e um dado da educação. Em nenhum outro âmbito da psicologia essa idéia é confirmada de forma tão brilhante quanto no terreno da arte. A possibilidade criativa que cada um de nós possui, de se transformar em co-partícipes de Shakespeare em suas tragédias e de Beethoven em suas sinfonias, é o indicador mais claro de que em cada um de nós existe potencialmente tanto um Shakespeare quanto um Beethoven. (Vigotski, 2003 p.244)

No início do projeto, as crianças pareciam contidas e preocupadas em retirar os livros, pois já haviam associado o ato de ler com o ato de fazer trabalhos “valendo nota”. No decorrer das duas semanas de trocas de livros, conversamos com as crianças sobre isso, até que elas perceberam que poderiam ler sem preocupação com os trabalhos que geralmente estavam sujeitas a produzir depois da leitura de um livro.

Aquele momento de escolha aos poucos se tornou um espaço dentro da escola onde a criança podia ousar e escolher um livro em sua percepção “mais difícil”, “com mais páginas” e “com menos desenhos” etc. Para nós era necessário essa promoção do contato com o livro sem uma atribuição de atividade específica para que as crianças pudessem contemplar tranquilamente o livro que desejassem.

Entretanto, os educadores queriam muito acrescentar “fichas de leituras” onde as crianças tinham que responder a diversas perguntas sobre o que estavam lendo para treinar interpretação. Pedimos a eles paciência com o processo do projeto. Logo, o projeto seguiu com uma ação diferente do que as crianças estavam acostumadas: desenvolvemos uma roda de conversa com o intuito de ouvir as impressões do educando quanto sua vivência literária.

Segundo Vigotski (2003, p.227) Isolar a obra literária, seus elementos, inventar regras morais, está em profunda contradição com a natureza da vivência estética. Ações assim, agem de forma mortífera sobre a possibilidade da percepção e da atitude estética.

Aos poucos, as mudanças foram ficando mais visíveis na escola: algumas crianças se manifestaram dizendo: “queria ganhar um livro de aniversário!” Houve também uma ocasião em que uma criança perguntou se na biblioteca tinha algum livro sobre “mitologia grega”, ou se poderíamos trazer livros com “histórias da bíblia”. Para Paulino (2014),

A leitura literária requer liberdade, cujo único limite é o respeito pela leitura do outro, que pode apresentar suas singularidades. As preferências de cada um são respeitadas para que ocorra de fato uma leitura literária. Como a escola tende a homogeneizar comportamentos, o cuidado das autoridades nesse primeiro momento se torna fundamental. Posteriormente, a mediação docente que não reprima, mas incite a imaginação de cada aluno no pacto com o texto, também constitui um componente essencial do processo escolarizado de leitura literária.

Fomos percebendo que aos poucos as crianças traziam novidades e dividiam conosco, e mostravam cada vez mais gosto para a leitura, sempre buscando se responsabilizar com os prazos das trocas de livros com os colegas. Desta forma, percebemos que o projeto foi alcançando as expectativas iniciais. As crianças fizeram um lindo varal registrando o que sentiram com os livros que tiveram acesso com o intuito de uma reelaboração de suas vivências estéticas.

Vigotski (2003, p.226) diz ser necessário dar liberdade à criação infantil. Explica utilizando o exemplo do desenho onde muitas vezes as crianças podem

desenhar de maneira “desproporcional” ou sem levar muito em consideração em seu registro o traçado real dos objetos, todavia, isso não significa que as crianças não percebam os objetos como realmente são. Isso se dá porque eles possuem um desejo principal de ser destacado no desenho.

Vigotski (2003, p.237) argumenta que quando nos deparamos com a criação infantil, e encontramos modelos espontâneos e puros de poesia, tão oposto da criação adulta, constatamos uma criação especial, transitória. Está por sua vez é necessária para a própria criança e não as pessoas que a rodeiam, ela é nutritiva, vem de dentro do próprio organismo e não de fora.

A regra a ser seguida aqui não deve ser o embelezamento da vida, mas a reelaboração criativa da realidade, isto é, uma elaboração das coisas e do próprio movimento das coisas que iluminará e elevará as vivências cotidianas ao nível das criativas. (VIGOTSKI. 2003 p.239)

Um importante fator a ser considerado é a experiência estética que a literatura alcança, pois conforme Vigotski ( 2003, p. 232), a educação estética realiza uma atividade muito importante, pois cria hábitos permanentes de sublimação do inconsciente. A arte representa, do ponto de vista psicológico, um mecanismo, biologicamente necessário, de eliminação das excitações não-realizadas na vida e é uma acompanhante inevitável de toda existência humana, em algumas de suas formas.

Quanto mais intensa for a paixão e as emoções na atmosfera em que ocorre a ação da impressão estética mais elevada será a animação emocional que acompanha maiores forças serão incorporadas ao efeito moral e mais finalmente se realizará a impressão estética. (Vigotski. 2003 p.234)

Os livros promoveram essa contínua experiência de vivência estética para as crianças. Continuamos o projeto para que o mesmo pudesse alcançar outros educandos da escola no estágio do ensino fundamental anos finais. O projeto ganhou outras ações: confeccionamos sacolas, denominadas “sacolas literárias” que foram feitas com TNT.

Entramos em contato com João Aparecido Almeida do Nascimento que já foi estudante da universidade Federal de São Carlos Campus Sorocaba, pedindo que o mesmo doasse exemplares do livro “O sonho de Lara” de sua autoria. Conseguimos a doação de exemplares para toda a escola, assim como uma visita do escritor às crianças. Toda a instituição levou os livros autografado para casa em suas “sacolas literárias”

Segundo Cosson (2006, p.29), o dever do professor é explorar ao máximo com seu educando as potencialidades da literatura: “ao professor cabe criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos.”

Tendo isso em vista, além das iniciativas já citadas, buscamos doações para ampliar o acervo da biblioteca escolar. Também realizamos um passeio didático à Biblioteca Municipal da cidade de Sorocaba com as turmas do 4º, 5º e 3º ano.

A observação também me trouxe reflexões a respeito da conduta do professor e da cultura da sala em que realizamos nosso processo de ensino-aprendizagem. Esse solo, e as marcas que ele traz, sejam boas ou ruins, estão diretamente ligadas com o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que o professor em sua prática atravessa a vida do seu educando o tempo todo e essas marcas são impressas em seus corpos, assim, a partir dessas marcas o sujeito irá se recriar. Segundo Rolnik (1993),

no visível há uma relação entre um eu e um ou vários outros (como disse, não só humanos), unidades separáveis e independentes; mas no invisível, o que há é uma textura (ontológica) que vai se fazendo dos fluxos que constituem nossa composição atual, conectando-se com outros fluxos, somando-se e esboçando outras composições. Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. (ROLNIK, 1993)

Para que os nossos educandos sejam protagonistas em seu processo de ensino-aprendizagem, eles precisam se sentir à vontade para que possam perguntar, para acrescentar, para conhecer, para compreender, para criar, para errar e aprender com seu erro. É necessário deixar de lado a cultura da desaprovação, e mostrar para a criança que ela é capaz, pois a escola tem grande potencial para causar fragilidade e impotência.

Além de sermos bons educadores que possuem instrumentos e propriedade para fazer com que o aluno adquira o conhecimento historicamente produzido que é direito dele, também precisamos buscar sempre fazer da cultura da nossa sala um

ambiente propício, em que a criança em seu processo grupal não tenha medo de errar. Não se iniba por receio da desaprovação que vem do julgamento alheio.

Em grupo concluímos por meio da reflexão que no andamento do projeto, foi notável o crescimento do interesse por parte das crianças em relação aos livros. O dia da troca de livros se tornava um “evento esperado”. As crianças perguntavam sobre os livros disponíveis, observavam atentos a cada obra para poder fazer a escolha do livro mais “interessante” para elas.

O passeio didático foi outro grande marco para o projeto, as crianças demonstraram muito interesse no espaço e ficaram encantadas com a palestra contada pelo José Rubens Incao que coordena a biblioteca infantil, sobre a História dos Livros e Monteiro Lobato. Para muitas crianças foi a primeira vez em uma biblioteca.

No nosso ponto de vista, as ações favoreceram o letramento literário, a experiência estética literária, assim como a prática de alfabetização e letramento, pois os resultados foram claros, percebemos que as crianças mudaram sua relação com a literatura drasticamente, desenvolvendo o hábito de leitura, aumentando seu repertório. Para elas, não bastava mais ler somente na escola, desejavam continuar sua aventura fora dela através dos livros emprestados. É por meio desse exercício, que a criança vai conquistando um repertório rico.

Por isso é tão importante o papel da literatura para os sujeitos em processo de formação. É dentro da literatura e, mais especificamente, o gênero conto de fadas que considero, dentro das diferentes manifestações da arte, que atua de maneira profunda para divulgar e dar forma aos valores culturais de uma sociedade/civilização. A seguir, vamos apresentar uma breve história desse gênero e tentar responder às seguintes perguntas: como surgiu esse gênero específico e tão cheio de características? Como chegaram ao que são hoje?

## 5 UMA BREVE HISTÓRIA DOS CONTOS DE FADAS

Os contos de fadas existem há séculos e não puderam ser destruídos pelo tempo, foram construídos nas relações humanas com o mundo e carregam aspectos característicos da humanidade em diversas épocas. Tolkien (2020) e Coelho (2012) guiam suas pesquisas através da pergunta: "quando e onde teriam nascido essas narrativas maravilhosas?"

Concordo com Tolkien (2020) e suspiro com ele quando paro para pensar na dimensão dessa pergunta. Os contos são tão diversos e carregam tantas culturas que responder a essa pergunta parece ser o mesmo que buscar saber onde e quando surgiram as línguas. Para falar mais sobre esse aspecto, Tolkien (2020) usa a metáfora de uma sopa que ficou no fogo durante anos, sendo acrescentados diversos ingredientes de diferentes culturas, no decorrer desse tempo. Ao tomá-la, estamos saboreando a história.

Talvez por esta razão, seja tão difícil saber a origem exata dos contos, mas focando nas línguas modernas a palavra "fada" (português), "fairy" (inglês), "fata" (Italiano) "fée" (francês), "feen" (alemão), "hada" (espanhol) com a ajuda de Tolkien (2020) e Coelho (2012) talvez seja possível entender alguns aspectos tradicionais da história que esse gênero carrega.

Tolkien (2020), como um bom filólogo, procura no dicionário a palavra "fada", mas não se sente contemplado com o sentido que encontra lá, explica que essa palavra é "relativamente moderna", que a ideia de que fadas são seres diminutos não contempla a verdade sobre a tradição que trouxe as fadas para o mundo. Complementando esse pensamento, no minidicionário Houaiss, aparece a seguinte definição para o verbete "fada": "1. Ser imaginário do sexo feminino com poderes mágicos. 2. Mulher de extraordinária beleza, encanto e habilidades". (HOUAISS, 2018, p.336)

Essa definição dialoga com Coelho (2012), que encontra em sua pesquisa vários estudos históricos que apontam que a "figura das fadas" vieram dos povos célticos, e surgiram da veneração que esses tinham pela água como grande geradora de vida. As primeiras referências às "fadas" como personagens ou figuras reais aparecem na literatura cavaleiresca da idade média. Na língua latina "fata" significa oráculo, predição. É derivada de "fatum" que carrega o sentido de destino e



fatalidade. Ligada à "imagem arcana" de mulher com poderes sobrenaturais como as "druesas", "sacerdotizas". (COELHO, 2012 p.78)

Essa profundidade mística se tornou folclore para o povo Europeu. Coelho (2012), explica que as fadas se tornaram conhecidas como seres fantásticos de uma beleza imensurável cheia de virtudes e poderes "sobrenaturais". Elas se apresentavam sob a imagem de mulher, para interferir na vida dos homens e para auxiliá-los em "situações-limites", ou seja, as fadas carregadas de espiritualidade céltica transporta aos contos essa espiritualidade cheia de encantamento, bruxedos e mágicas.

A autora explica que o fundamento dessa raiz céltica é carregado por uma problemática espiritual/ética/existencial ligada à realização interior do indivíduo geralmente por intermédio do amor. Por esse motivo, muitas das suas aventuras têm como motivo central o encontro do cavaleiro com a amada após grandes obstáculos levantados pela maldade de alguém.

Os contos de fadas, como conhecemos, vieram dessa natureza espiritual e religiosa celta da fada que preparou o terreno para a sua entrada no cristianismo. Houve, então, uma lenta fusão dos rituais celtas com a liturgia cristã (COELHO, 2012) que foram se popularizando e se transformando nos contos de fadas.

Tolkien (2020) se diferencia um pouco da ideia folclórica europeia de que as fadas possuem poderes sobrenaturais. Para ele, as fadas são seres naturais cuja magia vem da natureza e está na natureza, por isso não são mentiras contidas em um papel, mas a verdade da magia do mundo contada através de livros.

Falar sobre histórias de fadas vai além de entender sua organização, pois os contos de fadas abrem caminhos que não se prendem em nossa "imanência" e possuem um poder de ressignificação do que se tornou comum em extraordinário (TOLKIEN, 2020)

Esse pensamento nos leva a ver, que , no cotidiano da nossa vida, estamos em constante contato com a magia nas coisas mais simples como ver um broto crescer e se tornar uma planta, notar seu crescimento em um morango e depois saboreá-lo. Assim, as experiências com o mundo ganham um novo sentido.

Uma das discussões centrais que o autor apresenta, ainda nessa linha de pensamento, é o poder da "adjetivação" e a "invenção" que o criador do conto de fadas é capaz de realizar. Nesse processo somos levados a dar novos adjetivos às coisas "ordinárias" conquistando um olhar de "encantamento" sobre o mundo.

Mas quão poderosa, qual estimulante para a própria faculdade que a produziu, foi a invenção do adjetivo; nenhum feitiço ou encantamento em Feéria é mais potente. Isso não é surpreendente: tais encantamentos poderiam, de fato, ser considerados apenas outra visão dos adjetivos, uma classe de palavras numa gramática mítica. A mente que pensou em *Leve, pesado, cinza, Amarelo, parado, veloz* também concebeu a magia que tornaria as coisas pesadas leves e capazes de voar, transformaria chumbo cinza em ouro amarelo, e a pedra parada, em Água veloz. Se podia fazer uma coisa, podia fazer a outra: inevitavelmente fez ambas. (TOLKIEN, 2020, p.34)

É notável que Tolkien (2020) considera fortemente o aspecto transcendental de Feéria, o reino dos contos de fadas. Levando em consideração esse aspecto, estamos por consequência vendo o ser humano de maneira integral, na magia da adjetivação da sua dimensão material e espiritual, em todas as suas formas de expressão, pois

quando conseguimos abstrair o verde da Grama, o azul do céu e o vermelho do sangue, temos já um poder encantatório - em certo plano; e o desejo de empunhar esse poder no mundo externo as nossas mentes desperta. Não se segue daí que usaremos esse poder bem em qualquer plano. Podemos lançar uma verde mortal sobre o rosto de um homem e produzir um horror; podemos fazer a rara e terrível lua brilhar; ou podemos fazer com que bosques vicejem com folhas prateadas ou que Carneiros usem velos de ouro e colocar fogo quente na barriga da serpente fria. Mas em tal "fantasia", como é chamada, nova forma é criada; Feéria começa; o homem torna-se um sub-criador. (TOLKIEN, 2020, p.35)

O autor acredita que os contos não devem ser reduzidos a "partes" como na análise psicológica, antropológica. É necessário buscar uma visão integral que caminhe também em direção ao pensamento filosófico, teológico e transcendental. Coelho (2012) está em conformidade com esse pensamento e explica que essa tendência para fantasia e para o mistério que cada povo da antiguidade possui se configura em seus mitos característicos relacionados com sua religião e sua alma poética. Desta forma, a transcendência conquista um grande espaço no estudo dos contos de fadas.

Mesmo as histórias de fadas como um todo tem três faces: a mística, voltada para o sobrenatural; a mágica, voltada para a natureza; e o espelho de escárnio e pena, voltado para o homem. A faceta essencial de feéria é a do meio, a Mágica. Mas o grau em que as outras aparecem (se aparecem) é variável e pode ser decidido pelo contador de histórias individual. (TOLKIEN, 2020, p. 38)

É importante enfatizar que para muitos o mito diz respeito a algo falso, irreal, que não existe. Tolkien vai na contramão dessa crença e diz que os mitos falam sobre a "verdade". Ramos (2016) explica que Tolkien acreditava que os mitos são verdades transcendentais que dizem respeito à beleza, à verdade, à honra. São

coisas que os homens sabem que existem, mas não podem ser vistas, pois são imateriais, todavia, essa característica não faz dos mitos algo menos verdadeiro.

Coelho (2012 p.84) explica que todo esse maravilhoso que carrega sentido de verdade humana, com o tempo, foi esvaziado do seu significado original. Esse simples envoltório fantasioso que sobrou transformou-se nos contos infantis. Essa transformação deu-se com o trabalho árduo e delicado de Charles Perrault, La Fontaine, Irmãos Grimm e Andersen.

Historicamente, a literatura registra sua primeira coletânea, a partir da tradição oral, de contos infantis no século XVII, no reinado de Luís XIV intitulada “Contos da mamãe gansa” de 1697 escrita por Perrault. Esse livro continha oito histórias recolhidas do povo e reunidas por Charles Perrault: A Bela Adormecida no bosque; Chapéu chapeuzinho vermelho; O barba azul; O Gato de Botas<sup>3</sup>; As fadas; Cinderela ou a gata borralheira; Henrique do topete e o Pequeno Polegar. Em uma segunda publicação da coletânea são acrescentados os contos: Pele de asno; Grisélides e Desejos ridículos.

Esses livros são clássicos da nossa literatura e são fortemente recomendados dentro das escolas, pois todos nós já tivemos uma relação com esses contos, seja na infância ou na vida adulta. Podemos nos envolver com eles de maneira “superficial” deixando que ele passe por nós, perdendo a oportunidade de uma experiência maravilhosa de maneira profunda que permite que toquemos seus tesouros singulares que tornam vivas todas as maravilhas.

Recolhido da tradição popular, esses contos de fadas carregam os desejos do homem de explicar o que o rodeia, explicar a si próprio sua origem e seu destino, além do desejo de expressar seus sentimentos. É visível que muitos desdenham dos contos de fadas e esse desprezo pode ser resultado das mudanças que nossa sociedade passou.

O gênero já foi acusado de diversos males como elitismo, sexismo, violência, muralismo e maniqueísmo. Segundo Machado (2010, p.11-12), “é importante não nos perdemos desta tradição por simples importação de modismos de correção política”. Os Contos de Fadas não só fazem parte da história da humanidade como também abriram toda a arte literária que a humanidade viria a desenvolver.

---

<sup>3</sup> O canal do YouTube “Fafá conta historia” conta a história : “O gato de botas” de Perrault <<https://www.youtube.com/watch?v=A6ymZQIK8ml&list=PLUljRP5GwflsFbbxlcE3TPZ6eAjBq12Y&index=11>>

Tolkien (2020) nos conta que eles deixaram de estar nas prateleiras de fácil acesso e passaram a pegar poeira, foram então “jogados” para as crianças a partir de uma visão “adultocêntrica” de que as crianças são a “audiência” natural dos contos de fadas. Geralmente, parece estar na mentalidade dos sujeitos a ideia de que os contos de fadas possuem uma conexão natural com as mentes das crianças da mesma ordem da conexão entre o corpo da criança e o leite.

Todavia, as crianças possuem o poder de escolha e podem se interessar como não se interessar, aliás, é importante enfatizá-las como sujeitos históricos que produzem cultura e apesar de serem sujeitos em desenvolvimento, possuem poder de decisão.

Coelho (2012) coloca outro ponto e explica que essas ideias também podem ser resquício de uma visão positivista da realidade, que desconsidera o sobrenatural e olha o mundo de forma estática. No tempo em que imperou essa visão, o homem se redescobriu como mero resultado da evolução que destruiu a ideia de sua transcendência e não mais tinha em vista sua origem divina.

Com o passar do tempo, a contínua evolução das ideias fez com que essa “falsa verdade” na qual a ciência materialista se alicerçava fosse abalada, revelando o mundo como algo dinâmico e complexo que integra um todo. Desta forma, os contos de fadas deixaram de ser vistos como entretenimento infantil e foram sendo redescobertos como fontes de conhecimento do homem e seu lugar no mundo.

Cosson (2019) diz que alguns professores deixaram de ver a importância desse gênero e não se interessam por ele, o considerando ultrapassado. Esses professores acabam diminuindo a literatura, seja por acreditarem que já conhecem tudo sobre ela, ou porque a desconhecem julgando que o esforço não compensa. Alguns pensam nela apenas como um verniz burguês de um tempo passado que deveria ser abolido da escola. Acreditam que ela se configura em um produto do século XIX sem sentido para o século XXI. Essa ideia leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina da língua portuguesa.

Essas ideias debilitam o potencial que os contos de fadas podem alcançar. Todavia, não levam em consideração seu enorme potencial, sendo necessário o estudo de diversos teóricos que se debruçaram sobre o tema, para compreender um pouco melhor suas possibilidades.

Um dos potenciais que os contos carregam, de acordo com Coelho (2012, p. 12- 42,43) diz respeito a apresentarem necessidades básicas de sobrevivência física

assim como de realização econômica, social e afetiva. Por meio deles são denunciados os grandes vícios e erros que perturbam a harmonia do mundo. Os contos de fadas possuem o poder de agir em nossa alma e em nossas cabeças, provocando uma força capaz de promover o posicionamento crítico frente às injustiças dos poderes egoísticos.

Segundo Coelho (2012, p.100-101), os grandes mitos e arquétipos que os contos de fadas possuem - nobreza de caráter, idealismo, amor, fidelidade aos seus ideais, solidariedade e grandeza interior - se mostram desde a antiguidade grandes ideais de realização humana a serem atingidos pelos indivíduos. No entanto, eles têm sido destruídos e como resultado temos a degradação do ser humano que se sustenta pelo valor absoluto dominante: a falta de amor e o egoísmo.

Para resgatar esses ideais, nada melhor do que resgatar os contos de fadas que o carregam. Coelho (2012 p.102) argumenta que diante desta conjuntura que se configura em um caos, onde falsos ideais aparecem como verdadeiros e se misturam valores degradados e degradantes junto a grandes valores em gestação, é necessário que os autênticos mitos e arquétipos criados desde a antiguidade sejam redescobertos e reinventados para que a grandeza inerente ao humano seja novamente o ideal a ser alcançado por todos os indivíduos. A mesma autora explica que é a literatura, que dentro das diferentes manifestações da arte, atua de maneira profunda para divulgar e dar forma aos valores culturais de uma sociedade/civilização.

Os contos populares por exemplo vieram de uma tradição coletiva e anônima e são transmitidos de geração a geração de maneira oral e transportados de país em país, assim como o conto Helena que conheci pela boca da minha avó e minha mãe que por sua vez o conheceram pelo meu bisavô. Os contos surgiram na sociedade ressignificando a vida desses sujeitos históricos.

Assim, os contos de fadas necessitam ser redescobertos como valiosos instrumentos transmissores dos valores de base dos grupos sociais. Tolkien (2007) assim como Coelho (2012) vem um potencial nos contos de fadas que se relaciona diretamente com a essência do ser humano e carrega sentidos próprios que compõem a vida. Ambos verificam que os contos trazem a volta do sobrenatural e ressignificam o ordinário da nossa vida que não é só matéria. Coelho (2012, p.17) diz ainda que os livros dos contos de fadas possuem um papel formador e precisam ser descobertos como fonte de conhecimento da vida,

de maneira lúdica, fácil e subliminar [...] sobre os pequenos leitores, levando-os a perceber e interrogar a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses suas aspirações, sua necessidade de autoafirmação. (COELHO, 2012, p.129)

Acredito que Tolkien compactuava com essa ideia, pois Ramos (2016) aponta que Tolkien acreditava ser através dos contos que podíamos “aspirar” a vida cheia do maravilhoso. Portanto, ler ou criar um conto é uma forma de meditar sobre as coisas mais importantes da vida. Os eventos dos contos demonstram a “verdade”, de uma forma que os eventos do nosso dia a dia não conseguem nos mostrar.

Assim, novamente acentuamos o poder de resignificação da vida que os contos de fadas carregam. Para Tolkien (2020, p.35),

um poder essencial de Feéria é, assim, o poder de tornar imediatamente efetivas pela vontade as visões da "fantasia". Nem todas são belas ou mesmo saudáveis - não, de qualquer forma, as fantasias do Homem caído. E ele manchou os elfos que tem esse poder (em verdade ou em fábula) com sua própria mancha. Esse aspecto da "mitologia"- subcriação, em vez de representação ou interpretação simbólica das belezas e terrores do mundo - é, acho, muito pouco considerado.

Para ele, a fantasia que é fomentada pelos contos de fadas enriquece a faculdade da imaginação que atua propiciando que a mente humana seja capaz de criar coisas que não estão realmente presentes. Assim, a arte é a operação final da imaginação, onde o ser humano se torna “subcriador”.

Para Tolkien (2020) se o conto não possuir um “final feliz”, não pode ser considerado contos de fadas. Sobre o “Final Feliz” tão característico dos contos de fadas, Tolkien (2020 p.75), o chama de "eucatástrofe" (palavra criada por ele). O escritor acredita que esse momento se configura na característica principal e mais importante dos contos.

A "eucatástrofe" diz respeito à alegria do final feliz, à repentina “virada” alegre. Ela nega a derrota final universal, dando um vislumbre da alegria além das muralhas do mundo pungente, e traz “consolação” e “escape” para quem lê. Essa característica do conto “eucatastrófico” não nega a existência da des-catástrofe, da tristeza, do fracasso, uma vez que tudo é necessário para a alegria da libertação.

Vigotski (2003, p.233) explica que os poemas sobre a tristeza não possuem a finalidade de nos comunicar a tristeza e nos contagiar com ela, mas de nos colocar acima dela e nos levar a obter a vitória sobre ela e superá-la. Para ele,

a arte não é um complemento da vida, mas o resultado daquilo que cede a vida do ser humano. O "milagre" da arte faz lembrar mais a transformação da água em vinho e, por isso, toda obra de arte é portadora de algum tema material real ou de alguma emoção totalmente corrente no mundo.

Quando entramos em contato com “Feéria”, o reino das fadas, encontramos uma característica deste reino maravilhoso que Tolkien (2020 p.66) chama de “recuperação”. Está por sua vez se configura em uma “retomada”. Desta forma, as coisas deixam de ser um fosco borrão da banalidade ou da familiaridade e, assim, o cotidiano é ressignificado.

Além da fantasia, da eucatástrofe e da recuperação, encontramos nos contos, segundo Tolkien (2020 p.68 e 75), duas outras características que estão a ela interligadas: o “Escape” e o “consolo” conforme tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Características dos contos de fadas segundo Tolkien (2020)

FANTASIA	Fomentada pelos contos de fadas enriquece a faculdade da imaginação que atua propiciando que a mente humana seja capaz de criar coisas que não estão realmente presentes. Assim a arte é a operação final da imaginação.
ESCAPE	Há fome, sede, pobreza, dor, pesar, injustiça, morte. E, mesmo quando os homens não estão enfrentando situações desagradáveis como essas, há antigas limitações das quais as histórias de fadas oferecem uma espécie de escape, e velhas ambições e desejos (que tocam as próprias raízes da fantasia) aos quais oferecem um tipo de satisfação e consolo. Algumas são fraquezas ou curiosidades perdoáveis, como o desejo de visitar, livre como um peixe, o mar profundo, ou o anseio pelo vôo silencioso, gracioso e econômico do pássaro, esse anseio que o avião burla, exceto em raros momentos, quando visto alto e silencioso graças ao vento e à distância, voltando-se ao sol. (TOLKIEN, 2020, p.73)
EUCATÁSTROFE	Quando a “virada” repentina vêm, temos um vislumbre penetrante de alegria e de desejo do coração que, por um momento, passa fora da moldura, rasga, de fato, a própria teia de estória e deixa um faio de luz atravessar (TOLKIEN, 2020, p.77) A qualidade peculiar da “alegria” na Fantasia bem sucedida, pode assim, ser explicada como um vislumbre repentino da realidade ou verdade subjacente (TOLKIEN, 2020, p.78) O conto “eucatastrófico” não nega a existência da des-catástrofe, da tristeza, do fracasso, uma vez que tudo é necessário para a alegria da libertação.
CONSOLO	É a satisfação dos desejos antigos. É a consolação para a tristeza desse mundo
RECUPERAÇÃO	Olhar para o verde outra vez e ser assombrados de novo (mas não cegados) pelo azul, o amarelo e o vermelho. Deveríamos encontrar o centauro e o dragão e então, subitamente, contemplar como os antigos pastores, ovelhas, cães e cavalos – e lobos. Essa recuperação as estórias de fadas nos ajudam fazer. (TOLKIEN, 2020, p.66)

fonte: produzida pela autora deste trabalho a partir de Tolkien (2020)

O escape é muito prático e pode ser até heróico, não se trata do escape do desertor que abandona a realidade, mas do carcereiro que quer ir para a casa e se não pode fazê-lo pensa e fala de assuntos que não sejam carcereiros e muros de prisão, é também uma oportunidade de realizar desejos , até mesmo o mais antigo:

o escape da morte. Assim, as estórias de fadas tem outro aspecto além do prazer imaginativo, sendo esse, o consolo do final feliz.

Há fome, sede, pobreza, dor, pesar, injustiça, morte. E, mesmo quando os homens não estão enfrentando situações desagradáveis como essas, há antigas limitações das quais as histórias de fadas oferecem uma espécie de escape, e velhas ambições e desejos (que tocam as próprias raízes da fantasia) aos quais oferecem um tipo de satisfação e consolo. Algumas são fraquezas ou curiosidades perdoáveis, como o desejo de visitar, livre como um peixe, o mar profundo, ou o anseio pelo vôo silencioso, gracioso e econômico do pássaro, esse anseio que o avião burla, exceto em raros momentos, quando visto alto e silencioso graças ao vento e à distância, voltando-se ao sol. (TOLKIEN, 2020, p.73)

Vigotski (2003) aponta que o significado da atividade estética foi chamado na antiguidade de “catarse”, que carregava na psicologia da época um significado higiênico e médico de “curar o espírito”. Vejo que esse sentido se relaciona muito com o potencial de consolo e escape que Tolkien (2020) aborda, pois nesse mundo agitado a literatura nos ajuda a nos libertar de suas limitações.

Criar histórias e ler histórias nos permite ir além desse mundo atual, pois o “ato de criação” de uma história, acontece a partir de uma coisa que já existe. Por esse motivo, Tolkien (2020) explica que criar a partir da criação se chama “sub-criar”, ou seja, a realidade mística nos rodeia nesse movimento onde nós nos tornamos “criadores”, assim como fomos “criados”. No poema abaixo, dedicado por Tolkien para C.S Lewis, escritor de **Nárnia**, essa noção de sub-criador fica mais clara:

“Caro senhor,” disse eu, “inda que alienado,  
O Homem não se perdeu nem foi mudado.  
Des- graçado está, mas não destronado,  
trapos da nobreza em que foi trajado:  
Homem, sub-criador, luz refratada  
em quem matiz branca é despedaçada  
para muitos tons, e recombinação,  
forma viva mente a mente passada.  
Se todas as cavas do mundo enchamos  
com elfos e duendes, se fizemos,  
deuses com casas de treva e de luz,  
se plantamos dragões, a nós conduz  
um direito. E não foi revogado.  
Criamos tal como fomos criados.”

(TOLKIEN, 2020 p.63)

Percebemos, então, com Propp (1984), Coelho (2012), Machado (1994) e Tolkien (2020) que os contos de fadas não devem ser subestimados, eles possuem



o poder de ressignificar o ordinário em extraordinário. Segundo Coelho (2012, p.127),

Aí está o valor substancial da literatura como criação: sua matéria-prima é a existência humana e o seu meio transmissor é a palavra, a linguagem-exatamente o meio do qual tudo no mundo necessita para ser nomeado existe verdadeiramente para os homens.

A pesquisadora enfatiza que a literatura dos contos de fadas são cheios de magia, alimentadas pelos sobrenatural, pelo mistério da vida e das forças ocultas no transcendental. A linguagem simbólica utilizada nos contos se configura em uma linguagem ambígua sem significado único e definitivo ou seja seu significado depende não só da visão do mundo daquele que cria como também daquele que ouve, lê e interpreta. Assim, ela possui o poder de conscientizar seus ouvintes quanto às injustiças que predominam na vida cotidiana da época e levá-los assim a agir corretamente, buscando uma reforma interior.

O conto de fadas “Helena” que está na minha família se manteve através da oralidade durante quatro gerações. Este conto possui características específicas dos contos de fadas em geral, assim como carrega também em seu enredo característica da época em que surgiu. Por exemplo, enquanto contava a história, minha avó puxava da sua memória a trama, até que chega na parte em que explica que a Madrasta muito má, não querendo deixar Helena brincar, pede para ela fazer alguns serviços.

Minha avó então começou a contar, e a melodia da voz dela foi mudando de acordo com os acontecimentos que lembrava *“madrasta saía e deixava roupa para ela lavar e passar, arroz para ela socar no pilão...”* e abruptamente parou um pouco e observou *“Olha! Do tempo do arroz socar no pilão!”*, continuou então: *“Café para torrar e socar no pilão também.*

Nesse momento em que minha avó exclama: *“Olha! Do tempo do arroz socar no pilão!”*, ela realiza uma das reflexões que podemos fazer através dos contos de fadas. Cada conto traz um pouquinho da história da humanidade no seu desenvolvimento, tradição e sabedoria. Eles estiveram presentes em todos os lugares do mundo, e carregam características próprias.

Tolkien (2020) argumenta que os contos de fadas não dizem respeito a uma estória sobre viajantes, onde o reino encantado é um mero acidente. Ao contrário, o reino precisa ter o objetivo de ser explorado. Ele não é também um sonho, pois a estória é realidade dentro daquele conto. Também não é inclusive uma fábula onde aparecem animais que na verdade são seres humanos disfarçados.

Os contos de fadas não são estórias “sobre” fadas, ou elfos, mas sobre o mundo que se chama “feéria” ou seja, sobre o reino encantado em que a aventura acontece. Esse mundo tem tudo o que temos aqui, só que com um olhar de encantamento. Ele é construído sobre ou em torno da fantasia que é o seu centro. (TOLKIEN, 2020, p.25-27) Essas são em suma algumas das características básicas que fazem o gênero conto de fadas segundo Tolkien.

Convido vocês, leitoras e leitores deste TCC, a conhecer mais sobre esse gênero fantástico que se configura em um bem indispensável para nós, analisando as suas características em seus aspectos organizacionais a partir de um dos seus mais importantes teóricos: Vladimir Propp (1984).

## 5.1 UMA ANÁLISE DO CONTO HELENA SOB O PONTO DE VISTA DE PROPP

Quando estava no ensino médio, uma frase de um personagem de um *anime*, uma animação oriunda do Japão, de Oizaki (ROMIO, 2007) me tocou: “A verdade supera a ficção. Mas mesmo assim, as pessoas precisam das histórias para sobreviverem à realidade”. Como já vimos, alguns estudiosos abordam exatamente esse aspecto de “necessidade” que o ser humano tem em relação aos contos de fadas. Eles dedicaram seu tempo e capacidades intelectuais para estudar esse gênero tão importante, visando devolver o apreço que os contos já tinham na antiguidade.

Propp (1984) em seu livro **Morfologia do conto maravilhoso** expõe um estudo minucioso sobre as características específicas dos contos maravilhosos. Percebe que os contos possuem funções fixas apesar de os personagens e seus atributos mudarem. Os personagens por mais diferentes que sejam realizam a mesma função, sendo estas transmitidas de um personagem para o outro, todavia, o meio pode variar. O pesquisador deseja entender os contos de fadas com responsabilidade, enxergando como um bem de toda a sociedade humana que possuem características específicas que os diferenciam dos demais contos.

Essas características se repetem independente da origem do conto, por esse motivo o teórico viu ser necessário estudá-lo cientificamente com um método e com rigor teórico. Seu estudo trouxe grande avanço e contribuições para que entendamos o gênero contos de fadas do ponto de vista científico, a partir dos componentes básicos da estrutura da narrativa.

Muitos já haviam tentado estudar esse aspecto, todavia, não encontraram o método ideal. Coelho (2012) explica que com um acervo de 449 contos, Propp empenha-se por caracterizar os elementos que respondem sobre a natureza do maravilhoso.

Ele percebe que os contos maravilhosos se organizam através de "funções", sendo importante observar as ações dos personagens para entendermos essas funções. Assim, seu elemento chave se configura na ação dos personagens. Propp (1984 p.26) explica que: por função compreende-se o procedimento/ação de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da história.

Em seu estudo organiza 31 funções detalhadas tiradas dos contos maravilhosos. Coelho (2012 p.119) explica que ao realizar esse movimento de reconhecimento das funções dos contos de fadas, ele percebe que esse gênero é essencial como "expressão de vida", ou seja, nota-se entre as funções apontadas as constantes básicas do viver humano.

Propp (1984, p.26) compreende por função o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da ação. Segundo ele, a repetição de funções por personagens diferentes foi observada há bastante tempo pelos historiadores das religiões nos mitos e nas crenças. Apesar de os personagens aparecerem em grande quantidade, com diversidade extraordinária, vemos também sua uniformidade, e sua repetibilidade quanto às suas poucas funções.

Os contos maravilhosos não necessariamente apresentam todas as funções, todavia isso não modifica a lei da sequência. Quando isoladas as funções, é possível verificar que apresentam algumas funções idênticas, podendo ser consideradas do mesmo tipo. (PROPP, 1984 p.27)

Para entendermos um pouco sobre as "funções", desenvolvi um quadro utilizando algumas "ações" estruturantes do conto Helena a partir da leitura dos estudos de Propp (1984). Percebemos, nesse primeiro momento, que este conto é um conto de fadas, pois sua composição obedece ao seguinte esquema proposto em um estudo de Machado (1994), conforme a Tabela 3:

Tabela 3 - Funções estruturantes do conto **Helena**

**Heroína:** Helena

**Antagonista:** Madrasta

**Fada** (entendendo como o ser que vem em socorro do protagonista): Boi azul

**Objeto Mágico:** Varinha de condão

**Herói:** Príncipe

**Conflito:** Fuga com o boi azul, morte do boi azul, destrato do príncipe para com Helena.

**Solução do conflito:** Helena revela através do Anel que ganhou do príncipe, que ela era o seu amor e eles vivem felizes para sempre.

Fonte: produzida pela autora deste trabalho a partir das colocações de Machado (1994).

Propp (1984) explica que o conto começa com uma situação inicial, onde o herói se localiza no ambiente familiar. Geralmente, são numerados os membros da família e é indicada sua situação, ou seja, neste momento inicial se introduz o destino do herói. Todavia, o conto se desenvolve a partir do estabelecimento do dano ou carência que o herói irá passar, então, se inicia as ações do herói. Após essa situação, as funções aparecem no conto para complicar a vida do herói, encaminhando para o clímax. Quando parece que não há mais saída, ocorre a intervenção do objeto mágico que leva a história a se resolver aos poucos até a função final.

Apresentamos agora algumas funções desenvolvidas por Propp (1984, p.32-58) que podem ser aplicadas aos personagens do conto **Helena**, conforme observado na Tabela 4:

Tabela 4 - Análise do conto **Helena**

- Função **Afastamento**: A mãe de Helena morre, deixando o boi azul; o pai de Helena se afasta a trabalho e se casa novamente.
- Função **Proibição**: A madrasta, ocupa o lugar da mãe de Helena e começa a tratá-la mal. Não a deixa brincar com o boi azul e pede que faça o serviço doméstico sozinha.
- Função **Ardil**: Antagonista Madrasta coage o marido, pai de Helena, a realizar tudo o que ela quer, sendo seu desejo controlar Helena e ficar com a casa só para ela.
- Função **Dano**: Madrasta quer matar o boi azul.
- Função **Partida**: Helena foge com o boi azul. Propp (1984 p.38) chama esse momento de "mediação", onde é introduzido um herói "vítima", que realiza uma fuga.
- Função **Proibição**: Boi Azul pede que Helena não pegue nenhuma das folhas que encontra pelo caminho (prata, ouro ou diamante).
- Função **Transgressão**: Helena não "supera" o desafio que é submetida à prova quando o boi passeia com ela na floresta e acaba pegando folhas de prata, ouro e diamante.
- Função **Reação do Herói**: Essa desobediência causa dano ao boi azul que fica fraco e machucado.
- Função **Deslocamento no espaço entre dois reinos, viagem com um guia**: Helena sobe nas costas do boi azul, que mesmo fraco e machucado, a conduz para um grande morro, bem alto, onde pede que ela realize o serviço de matá-lo.
- Função **Primeira função do doador**: Boi azul já quase morto pede que Helena tire a varinha de sua barriga, lave seu vestido em seu sangue e vá pedir emprego no palácio. Na descrição de Propp dessa função: "um moribundo ou morto pedem ao herói que lhes preste um serviço".
- Função **Fornecimento**: "Boi azul" se configura em um doador amistoso que fornece o objeto mágico, a varinha que estava em sua barriga. Agora, sempre que ela bate três vezes a varinha em algum lugar, o boi azul aparece como seu auxiliar mágico para realizar seus desejos.
- Função **Reação do Herói**: Helena age conforme o boi pediu, e lava seu vestido no sangue dele, tira a varinha de sua barriga e, por fim, vai pedir emprego no palácio onde começa a trabalhar como serviçal, conhece o príncipe e se apaixona por ele.
- Função **Reparação do dano ou carência**: O herói é agora possuidor do objeto mágico e utiliza ele para reparar os danos sofridos. No conto Helena, o príncipe não corresponde ao seu amor, pois ela está sempre maltrapilha. Entretanto, quando Helena invoca o boi azul através da varinha, este lhe dá roupas belas e limpas para que ela vá ao encontro do príncipe, fazendo com que ela o conquiste durante um baile. O príncipe então lhe dá um anel, pois se apaixonou perdidamente por ela.
- Função **Reparação de dano ou carência**: Esse momento pode acontecer de várias formas. Quando analisamos o conto Helena, é perceptível que Helena se apaixona pelo príncipe, e o casamento com ele se torna reparação imediata das ações de toda a trama desafiadora que ela viveu durante todo o tempo desde que saiu de casa para proteger o boi azul.
- Função: "**casamento**": Helena recebe um anel do príncipe, e o coloca dentro de um bolo. Quando o príncipe come o bolo feito por ela, a reconhece. Depois de reconhecê-la, eles se casam e vivem felizes para sempre.

Fonte: produzida pela autora deste trabalho a partir das colocações Propp (1984, p.32-58).

Essas funções revelam uma estrutura comum nos contos maravilhosos, apesar do desenrolar da história ser diferente, os heróis acabam praticando as mesmas funções que são bem parecidas com o desenrolar da vida humana. A partir



desse ponto de vista, Coelho (2012 p.120) constrói uma síntese das constantes básicas da vida do ser humano que aparecem nos contos de fadas e são percebidos através dos seus estudos das funções de Propp (1984), conforme a Tabela 5:

Tabela 5 - Constantes básicas da vida do ser humano

1. *situação de crise ou mudança*: é natural que na vida real todo ser humano viva contínuas situações de mudança ou de crise, pois do nascimento à morte passamos por muitas transformações, desafios e provas;
2. *desígnio*: todo ser humano tem (ou deve ter) suas aspirações, seu ideal, seu “desígnio” a ser atingido na vida, em busca de sua autorrealização;
3. *viagem*: basicamente, a luta pela autorrealização trava-se fora de casa, no corpo-a-corpo do *eu* com o mundo exterior, com outros;
4. *obstáculos*: são as inevitáveis dificuldades que se interpõem entre o *eu* e seu caminho para a autorrealização;
5. *mediação*: são os auxílios que, via de regra, o *eu* recebe para poder avançar em seus caminhos;
6. *conquista*: este deveria ser o desenlace feliz para a autorrealização desejada pelo *eu*, como acontece sempre nos contos de fadas e deveria acontecer também na vida real.

Fonte: extraída de Coelho (2012)

Nesse sentido, a dinâmica dos contos de fadas é muito parecida com a dinâmica da vida, por isso podemos dizer que é um dos gêneros mais humanizantes.

O país das fadas é simplesmente a terra ensolarada do senso comum (...) Conheci o pé de feijão mágico antes de provar o feijão; tive certeza do homem que foi a lua, antes de estar perto da lua. E tudo isso está em constância com a tradição popular. Os poetas menores são naturalistas, e falam dos arbustos e riachos; mas os bardos dos antigos épicos e fábulas eram transcendentais e falavam dos deuses dos riachos e dos arbustos (...) As babás velhas não narram histórias sobre a relva para crianças, mas sim, sobre as fadas que dançam sobre a relva; os gregos antigos não trocariam as dríades pelas árvores. (CHESTERTON 1923 p.61)

Conhecer mais sobre os contos de fadas e se aprofundar em suas funções a partir das análises de Propp, podem propiciar diversas possibilidades de implementação de BNCC nos anos iniciais, principalmente no campo "artístico-literário".

## 6 BNCC E PNLD: O CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO E O GUIA PNLD LITERÁRIO 2018

Segundo Cosson (2019), estamos diante da “falência do ensino da literatura” por conta das bandeiras levantadas em nome da ordem, da Liberdade, ou do prazer, pois a literatura não se configura na escola como deveria se organizar: como uma prática que visa garantir a função essencial de “construir e reconstruir a palavra que nos humaniza”.

Ele explica que a relação da escola com a literatura é conturbada e que muitos professores colocam em seu lugar jornais ou registros escritos, baseados na ideia de que ler é suficiente. Às vezes, a literatura fica ligada a atividades especiais de leitura na disciplina de língua portuguesa.

Na BNCC, o espaço referente à literatura que muito interessa para nossa pesquisa é o “campo artístico literário”, que se configura em um campo de atuação

relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canções, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros.

Esse campo possibilita aos estudantes que ao longo do percurso em toda a educação básica possam desenvolver aprendizagens essenciais, independente do contexto em que está inserida, pois todos possuem direito ao conhecimento historicamente produzido. Considerando as diversidades regionais, sociais, culturais, econômicas etc, educadores buscarão dar acesso a esse conhecimento “básico” que é a literatura como direito de todo cidadão.

A leitura e a escuta, compartilhada e autônoma, são práticas de linguagem que propiciam a experiência estética e a continuação de uma prática de letramentos na BNCC. No campo “artístico-literário”, a literatura ganha foco para que o educando possa se apropriar de práticas de leitura multissemiótica, colaborativa e autônoma. O documento também considera como prática de linguagem a oralidade, que ganha um lugar especial através da contação de histórias.

Segue, na Tabela 6, as habilidades<sup>4</sup> apontadas pela BNCC para o campo artístico-literário nos anos iniciais nos eixos *leitura/escuta (compartilhada e autônoma)* e *oralidade* que escolhemos para refletir neste TCC.

Tabela 6 - As Habilidades da BNCC no campo artístico literário

HABILIDADES	
(EF15LP15)	Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.
(EF15LP16)	Ler e compreender, em colaboração com os colegas e com a ajuda do professor e, mais tarde, de maneira autônoma, textos narrativos de maior porte como contos (populares, de fadas, acumulativos, de assombração etc.) e crônicas.
(EF15LP17)	Apreciar poemas visuais e concretos, observando efeitos de sentido criados pelo formato do texto na página, distribuição e diagramação das letras, pelas ilustrações e por outros efeitos visuais.
(EF15LP18)	Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
(EF15LP19)	Recontar oralmente, com e sem apoio de imagem, textos literários lidos pelo professor.

Fonte: extraída de Brasil (2018 p.99).

A BNCC deixa claro seu compromisso com a educação integral, enfatizando que o que compete à educação básica é “a formação e desenvolvimento humano global”. Quando penso em “desenvolvimento humano global” imediatamente, o associo com o direito à educação integral, não fragmentada, cheio de sentido. É um direito do educando poder se apropriar do conhecimento historicamente produzido pela nossa sociedade.

Percebo a necessidade de nos perguntarmos sempre: Será que estamos ensinando na intenção de alcançar aprendizagens que se relacione com as necessidades, possibilidades e interesses dos educandos? os consideramos sujeitos em desenvolvimento, que possuem o direito de seguirem esse percurso de crescimento humano plenamente? Os enxergamos como produtores de cultura? Ensinamos para a vida e para o trabalho? Ou somente para o trabalho?

<sup>44</sup>As habilidades indicam o que aprendemos a fazer e são sempre associadas a verbos de ação, como identificar, classificar, descrever e planejar. No contexto escolar, ler e interpretar um texto, apresentar um trabalho para os colegas e realizar operações matemáticas são exemplos de habilidades que os estudantes desenvolvem ao longo da evolução escolar.” (BNCC, 2020)



A escola em que realizei meu estágio possuía uma “biblioteca” organizada na sala dos professores. Nesse pequeno espaço foram colocadas prateleiras e caixas com livros para que os educadores pudessem utilizá-los em suas práticas de ensino-aprendizagem. Infelizmente, os educandos não tinham acesso a esse espaço, por isso foi necessário, na nossa perspectiva, uma intervenção que resultasse em trazer os livros para o cotidiano escolar. Mais do que ter um espaço apropriado para a troca de livros, fizemos de toda a escola um espaço de contato com as obras.

Essas caixas e prateleiras eram afortunadas com um excelente repertório de livros, a maioria deles recebida através da política pública intitulada Programa Nacional do Livro Didático (PNLD literário) que desde 18 de julho de 2017, com o decreto nº 9.099 traz como material dessa política pública o livro literário para jovens da educação básica da escola pública.

Esses livros são disponibilizados em um “guia digital” para que a equipe educativa das escolas possam escolhê-los. Como uma forma de auxílio nessa seleção, o guia apresenta os critérios de avaliação que podem orientar no momento da seleção das obras, assim como um breve aspecto técnico das obras e por fim as resenhas dos livros aprovados. Algumas obras estão acompanhadas de material de apoio, destinado a nós educadores, com orientações metodológicas que respaldam a abordagem do texto literário em contextos de ensino-aprendizagem.

Em uma viagem educativa com a turma de pedagogia ao MASP dentro da exposição de histórias Afro Atlânticas (2018), a professora Doutora Lúcia Lombardi mediou um debate a respeito da importância de educadores serem bons curadores, ou seja, aprenderem a realizar uma seleção pensando em seus objetivos de aprendizado para a sua turma de educandos para que ela possa aproveitar ao máximo o conhecimento que está se apropriando.

Neste tópico, procuro realizar curadoria dos livros literários disponibilizados no PNLD literário 2018 dos anos iniciais que tragam o gênero conto de fadas como sugestão para a prática docente, tendo em vista o campo artístico-literário, a prática de letramento literário e a educação estética.

Ferreira (2018) explica que campo artístico-literário está presente em todos os anos do ensino fundamental na BNCC e evidencia que: “a melhor forma de explorar a literatura e formar o leitor literário é levando consigo o encantamento pelos clássicos.”

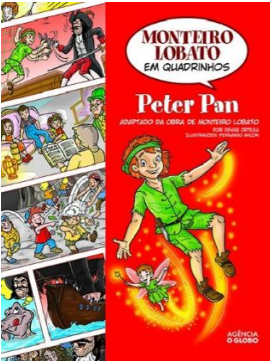
Organizei uma tabela para que você, caro leitor e leitora, possa aproveitar desses materiais para pensar a prática de maneira autônoma utilizando as políticas públicas. A breve curadoria teve como base o acervo do PNLD para o ensino fundamental, contendo 400 obras. Delimitei a pesquisa tendo como foco os livros de contos de fadas contidos na categoria 1 ao 3 ano dos anos iniciais. Utilizei para a seleção critérios que partiram das discussões que realizamos no presente TCC, relacionadas com o direito à literatura, a educação estética e o letramento literário.

A Tabela 7 está organizada em três colunas: a primeira com a capa do livro, a segunda com a referência e a última com uma citação da resenha que resume o conto. No apêndice deste TCC, apresento as resenhas completas dos livros selecionados.

Tabela 7 - Acervo do PNLD

	<p>MATTOTTI, Lorenzo. GAIMAN, Neil. <b>João e Maria</b>. editora intrínseca. 2/2012. p,56.</p>	<p>“É uma obra de aventura, um conto de fadas; mas não somente, pois o que se passa com João e Maria se aproximaria muito mais de um conto de horror relacionado à família, principalmente pela abordagem do abandono dos filhos pelos pais e da morte da mãe e da bruxa como punição”</p>
	<p>SBORZ, Jessica. <b>O galo de botas</b>. editora sonar. 1/2014. p,32</p>	<p>“Dois aldeões apostaram se o galo seria, realmente, um galo ou um gato e, quando descobriram que se tratava de um galo, o perdedor da aposta ficou furioso. Cristóvão e o galo fugiram para a floresta e encontraram o castelo de um ogro. O ogro discutia com uma bruxa por que os feitiços dela tinham dado errado. Ela tinha transformado todos os serviçais do ogro em galinhas. Cristóvão e o galo trabalharam para o ogro e pediram-lhe para ficar com a varinha da bruxa. O galo transformou os empregados em pessoas novamente, e pediu ao ogro para ficar com a única galinha que era galinha mesmo.</p>

		<p>Ele transformava os ovos que a galinha botava em ovos de ouro e, assim, juntamente com Cristóvão, viveram sempre ricos e felizes.”</p>
	<p>MACHADO, Ana Maria. <b>De noite no bosque</b>. editora maxiprint. 1/2018. p,32</p>	<p>Felipe e Gabi, a quem os pais sempre contam histórias antes de dormir, veem-se certa noite envolvidos em narrar contos de fadas para os pais dormirem. Sonolentas, as duas crianças se revezam no ato de narrativa: enquanto uma cochila, a outra conta uma parte de uma história [...] Como efeito, tem-se menos do que a história linear de determinado conto e mais uma costura sempre renovada de histórias a partir de elementos que se repetem ora num conto, ora num outro. Mesmo que as histórias narradas pelas crianças sejam conhecidas - afinal, tratam-se de contos de fadas -, é preciso considerar que o fato de serem construídas a partir de excertos que se ligam por meio dos elementos que têm em comum (casa, lobo, bosque) contribui para a consolidação e mesmo para a ampliação do repertório de temas do leitor, já que ele se vê convidado a ver as histórias de um modo distinto: a um só tempo, fragmentado e contínuo; previsível, mas também inesperado.</p>
	<p>SANTOS, Mateus Guilherme dos. <b>A bela adormecida em quadrinhos</b>. Editora Sonar. 2/2012. p,32.</p>	<p>“Neste conto, temos a história de uma princesa aprisionada em sono profundo, que aguarda a chegada de um príncipe corajoso que com um beijo deve acordá-la para serem felizes para sempre. Só que não é tão simples: para beijá-la, ele deve enfrentar os perigosos encantamentos da fada que amaldiçoou a princesa. Dessa</p>

		forma, temos um enredo, e demais elementos que o inserem no gênero conto”
	<p>ORTEGA, Denise.  <b>Monteiro Lobato em quadrinhos: Peter Pan.</b>          Editora Agência o globo serviços de imprensa.1/2018. p,96.</p>	<p>“Nessa versão lobatiana, Peter, além de continuar a enfrentar o medo de se tornar adulto e lutar contra as armadilhas de Gancho, passará pelos questionamentos da turma do sítio mais famoso do Brasil, O Sítio do Pica-Pau Amarelo. A obra não faz uma tradução integral do livro original, pois, ao longo da narrativa, há vários acréscimos na história feitos pela boneca Emília e pelos demais personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo. Há relevância na obra, também, por apresentar um clássico da literatura mundial, aproximando os leitores infantis de temas e obras que ampliam o universo de leitura dos mesmos.”</p>

Fonte: produzida pela autora deste trabalho a partir de Brasil (2018)

Esse acervo do PNLD deve ser olhado com sensibilidade por nós educadores, pois carrega em sua base, o direito à literatura a todos, independente da condição social. Conforme Candido (2019) devemos respeitar a arte da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis como um direito inalienável. O PNLD é uma política pública educacional para que esse direito seja de fato vivido por nossos educandos.

Podemos através dos livros desse acervo aumentar o repertório dos nossos educandos, assim como propiciar o exercício do seu “corpo linguagem”. Como educadores podemos organizar aulas onde a prática de letramento literário nos guie, buscando assim a construção de uma comunidade de leitores dentro da nossa escola. No contato com esses livros e na prática do letramento é possível através da educação estética, promover uma experiência onde o educando possa ressignificar o ordinário em extraordinário, que como Vigotski (2003) afirma não é somente um “embelezamento” da vida ,mas uma reelaboração criativa da realidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que nos diferenciamos dos animais? A razão? O que nos diferencia é a capacidade de transformação da realidade que nos rodeia, e a experiência da verdade, da escolha, do reconhecimento do real, por meio do pensamento filosófico que podemos realizar, vamos além da sensação como os animais, e acessamos a verdade, independente do sentimento do prazer ou dor. Você, querido leitor, pode estar pensando, qual relação tem essa pergunta com o início das considerações finais? Respondo então, que esse trabalho carrega a principal característica que nos diferenciam dos animais, o poder de transformação que a mente humana é capaz.

Quando fragmentamos a educação e não consideramos todas as dimensões do ser humano, corremos o risco de nos desumanizar e diminuir nossa potencialidade de sermos autores criativos da nossa própria vida.

Como já comentamos, estávamos até pouco tempo atrás na era do positivismo, época em que houve uma ruptura brusca com o transcendental, a escola, que é uma instituição de sujeitos históricos, se estruturou durante um tempo com esse pensamento, e essa visão continuou perpetuando o império da razão em detrimento das outras dimensões humanas. Todavia, muitos pesquisadores já mostraram a importância para a humanidade da escola ser inteira e trabalhar essas duas dimensões da humanidade, por isso é tão necessário que essa instituição seja todos os dias ressignificada para o desenvolvimento integral do educando.

O ser humano precisa da literatura, sendo essa um bem espiritual para organizar e ordenar seu mundo, para pensar sua vida, para ir além das limitações impostas pelo mundo. Conforme nos ensina Candido (2011) a literatura é necessária para o desenvolvimento pleno do ser humano como um direito fundamental.

Como já explicou Coelho (2012), as realidades místicas, transcendentais não devem mais ser deixadas de lado, antes é necessário que sejam retomadas. Os contos, as fábulas, as cantigas etc, não se limitam a relações de hedonistas nem a meros complementos de práticas conteudistas.

Passamos juntos um tempo estudando a respeito dos contos de fadas como uma riqueza histórica cheia de sabedoria, que potencializa o pensamento sobre nós mesmos, sobre o mundo, sobre o outro, sobre a existência. Os contos são cheios de características humanas, é um conhecimento construído pelo povo, carrega constantes básicos da vida do ser humano e valores culturais de uma sociedade/civilização. São resultados de uma mistura de culturas, coletados a partir

de histórias populares por Perrault, Grimm, Andersen etc. que organizaram em livros e perpetuaram através da linguagem escrita o conhecimento tradicional oral, permitindo que possamos nos apropriar de tal.

Hoje podemos ler alguns contos clássicos, como podemos ouvir contos populares orais, que apesar de possuírem enredos diferentes, percebemos que os personagens possuem ações parecidas no decorrer da trama. Propp vai esclarecer exatamente essas ações, e as chama de “funções”. As “funções” dão a nós educadores, autonomia na leitura das histórias, nos permite diferenciarmos os contos de fadas dos demais contos, assim como permite aos nossos educandos a possibilidade de criação, de interpretação profunda da história.

No decorrer da pesquisa, entendemos que contos de fadas não são histórias sobre fadas, mas histórias sobre uma aventura em um país maravilhoso chamado por Tolkien de “feéria”. As fadas não são seres sobrenaturais, mas seres naturais, e por serem naturais, são seres mágicos. A natureza é vista com um olhar de encantamento, vai além da imaginação para nossa vida, onde o ordinário se torna extraordinário, a situação difícil sempre pode ter uma virada feliz eucatastrófica.

A pesquisa mostrou que devemos nadar contra as ondas da soberba e ignorância, quando nos deparamos com ideias que nos levem a acreditar que já conhecemos tudo o que precisamos e que não é necessário buscarmos mais conhecimento, ou quando ideias sobre contos de fadas serem apenas um “verniz burguês”, ou conhecimentos antigos sem relevância para a atualidade baterem fortemente em nosso peito.

A criança é o centro do olhar do educador, ele pensa a escola para a criança, pensa as práticas tendo como finalidade o desenvolvimento pleno da criança. Tudo no exercício da nossa profissão é para a criança, e não é aconselhável ser diferente, afinal a escola acompanha todo o desenvolvimento da infância e se configura em um local que pertence ao educando por direito e faz do mundo pertencente a ele.

O letramento literário já pontuado no presente TCC deve ser retomado, pois é um processo que ocorre desde o início de nossa vida seja na oralidade de histórias como a de Helena ou de livros que povoaram nossa infância. Essas práticas de letramento podem mudar a realidade através da construção e reconstrução da palavra, visando a apropriação da literatura enquanto linguagem. Os educandos se aproximam da literatura, pois, exercita o corpo linguagem através

das diversas práticas na relação com o mundo que gera a sensação de pertencimento e nos oferece ferramentas para nos expressar.

A experiência estética literária, que decorre desse processo conjunto do letramento literário e educação estética promoverão a reelaboração criativa que eleva as vivências cotidianas no nível das criativas ressignificando a escola e a vida dos educandos. A minha experiência nos estágios, em especial do PRP, deixou claro que a literatura tem um potencial de transformação do cotidiano escolar, além do gosto pelo conhecimento, a escola ganhou um novo sentido para os educandos, que se sentiam construtores do conhecimento, e ficavam felizes com cada escolha que faziam. Os livros mostraram não servirem somente para entretenimento, mas pode ser praticada, mesmo sem o abandono do prazer, com o compromisso que todo saber exige.

No campo artístico-literário da BNCC, verificamos que é imprescindível a relação entre literatura e escola, principalmente do processo de letramento literário, pois aponta diversas habilidades (conforme tabela 6) que são importantes para os educandos. O acesso à literatura é um importante ato de transformação facilitado pela política pública (PNLD).

Na pesquisa, mostramos quatro passos que segundo Cosson (2014) promovem o letramento literário, começando pelo acesso, ou seja, pela oportunidade de interação com as obras literárias; a ampliação do repertório do educando; também o espaço para a construção de comunidades de leitores, onde seja possível trocas entre os educandos e também atividades sistematizadas; e contínuas visando o desenvolvimento da competência literária para cumprir o papel da escola de formar o leitor literário.

Nesse sentido, o letramento literário e o PNLD literário se tornam instrumentos para a implementação da BNCC dos anos iniciais do ensino fundamental, possibilitando o acesso aos contos de fadas e a transformação do ordinário em extraordinário.

## REFERÊNCIAS

- BNCC: você sabe a diferença entre competências e habilidades? **Centro de referências em educação integral**, 2020. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/bncc-voce-sabe-diferenca-entre-competencias-e-habilidades/>. Acesso em: 26. fev.2021
- BORGES, Maria Luiza X. de A. Charles Perrault. **Contos de fadas: Perrault, Grimm, Andersen & outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 17-83
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> . Acesso em: 20 out. 2020.
- BRASIL (2018) Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático**. PNLD. 2018. Disponível em: < [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2018\\_literario/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2018_literario/inicio) > Acesso em 03 de novembro.2020
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura. Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011
- CHESTERTON, G.K. **Ortodoxia**. São Paulo: Ecclesiae, 2013.
- COELHO, Nelly Novaes. **Contos de fadas**. São Paulo, paulinas, 2012.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**. São Paulo: Contexto,2019.
- \_\_\_\_\_. Letramento literário. *In*: **GLOSSÁRIO Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>> Acesso em: 17 jan. 2020.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. Experiência estética literária. *In*: **GLOSSÁRIO Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/experiencia-estetica-literaria>> Acesso em: 18 Out. 2020
- FERREIRA, Ana Rachel. **Como trabalhar clássicos da literatura no Fundamental**. 2018. Disponível em:<https://novaescola.org.br/conteudo/11820/como-trabalhar-classicos-da-literatura-no-ensino-fundamental> Acesso em: 21. Jan. 2021
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOUAISS, Antônio, VILLAR , Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss : da língua portuguesa**. *In*: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. 3 ed. Rio de Janeiro : Objetiva, 2008



LÉTOURNEAU, Jocelyn. **Ferramentas para o pesquisador iniciante**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011

MACHADO, Ana Maria. Apresentação. *In*: BORGES, Maria Luiza X. de A.(org.) **Contos de fadas: Perrault, Grimm, Andersen & outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 7-13

MACHADO, Irene A. O conto maravilhoso: o mundo sem verdades nem mentiras. *In*: MACHADO, I. **Literatura e Redação**. São Paulo: Scipione, 1994.

PAULINO, Graça. Leitura literária. *In*: **GLOSSÁRIO Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte, CEALE/Faculdade de Educação da UFMG. 2014. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/comunidades-de-leitores>> Acesso em: 20.Jan. 2020

PERROW. Susan. **Histórias Curativas para Comportamentos Desafiadores**. 2 ed. 2013.p,329

PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: forense-universitária,1984

RAMOS, Sergio. **A importância de Tolkien para a Literatura e a Vida: Aspectos Filosóficos | TT #22**. 2016. (16m18s) Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=b-QQ6tns\\_p8](https://www.youtube.com/watch?v=b-QQ6tns_p8)> Acesso em: 18. Jan. 2021

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir Uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de subjetividade**.São Paulo, V.1, n.2, p.137-274,1993

**ROMIO to Julietto** [seriado]. Direção Fumitoshi : Oizaki. Japão.Chubu-Nippon, 2007. Disponível em: <<https://nowanimes.com/romeo-x-juliet-online/>> Acesso em: 20. Jan.2021

SOUSA, Claudiane Jureima de; LEÃO, Láiza de França Carneiro; AZEVÊDO, Nelma Menezes Soares de. Um estímulo ao desenvolvimento da leitura literária: explorando o imaginário infantil e aplicabilidade docente por intermédio da obra Alice no País das Maravilhas. *In*: org.SILVA, Liliane Maria Jamir e. **Estudos sobre literatura: uma proposta para a formação de educadores e mediadores de leitura**. Recife: Bagaço,2019. cap.6., p. 452.

TOLKIEN, J.R.R. Árvore e Folha. **Sobre estórias de fadas**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020. p. 17-88.

VALADARES, Veronica. CASAGRANDE, Cristina. **J.R.R. Tolkien: Sobre histórias de fadas (feat. Cristina Casagrande)**. 2020. (1h3m39s) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AOKPSaoKYil&t=595s>> Acesso em: 18. Jan. 2021

VIGOTSKI, L. S.. **Psicologia pedagógica: Edição comentada** .Porto Alegre:  
Artmed, 2003.

## APÊNDICE: CONTO *HELENA*

Era uma vez uma menina muito gentil que vivia com sua família em uma casa bem grande de madeira no meio da floresta, afastada da cidade e mais longe ainda do castelo, onde morava um príncipe sozinho, pois sua família havia morrido.

A casa dessa menina era linda, ela amava o cheiro da madeira e o barulho que o chão fazia a cada passo que ela dava. Quando ela olhava para cima, perto do teto, observava várias flores desenhadas na madeira, que deviam ter dado muito trabalho de serem desenhadas, pois eram cheias de detalhes. Quem visitava aquela morada, sabia que não era só a casa que aquecia o coração, mas a própria família que nela morava.

Nessas terras, se ouviam muitas histórias sobre épocas longínquas em que animais falavam, em que a magia existia, e o encantamento era algo comum, talvez fosse por isso que a família Pereira tenha se aventurado a morar naquele cantinho. Sentiam falta do extraordinário em suas vidas.

A menina se chamava Helena, era filha única de uma professora com um banqueiro. Os dois haviam deixado sua profissão desejando viver uma vida calma no campo. O banqueiro demorou um pouco mais para tomar a decisão que a professora, entretanto, por ser extremamente apaixonado, largou seus negócios,, onde tempo era dinheiro, para ficar somente com o tempo e viver com sua linda e inteligente mulher e sua filha. Viviam uma rotina tranquila, onde todos dividiam o serviço doméstico, e ainda sobrava tempo para aproveitarem como cada um quisesse. Eles sempre almoçavam, tomavam café da tarde, e jantavam juntos.

Helena, por exemplo, depois que terminava seus afazeres, gostava muito de fazer pinturas, bordar, ouvir o barulho dos passarinhos, sapos, abelhas e sentir o cheiro da terra e do mato, gostava também de olhar as planícies, e tomar banho no rio junto com os peixes e com sua mãe. Não tinha medo de cobra e nem de lagarto, mas tinha medo de pessoas sem coração. Sua mãe falava muito dessas pessoas, e a alertava que o ódio nunca se detinha com mais ódio, este só provocava destruição.

Um dia sua mãe estava andando pela floresta, enquanto pensava em qual presente especial daria para Helena no seu aniversário de cinco anos, quando viu um pequeno boi diferente dos demais, ele era azul! Ficou hipnotizada pela sua cor que trazia tranquilidade e alegria, mas logo acordou do estado de latência quando

ouviu o choro aterrorizado do animal que estava preso pela pata direita da frente e pelo pescoço em um tronco oco de árvore.

Algumas pessoas maldosas abandonavam animais na floresta para que os animais selvagens os comessem. O boi azul estava tão assustado e parecia estar com tanta fome que ela se aproximou e lhe ofereceu um pedaço de cana de açúcar que estava em sua sacola. O animal comeu o pequeno pedaço muito feliz. Como sabia que no período da noite ele seria uma presa fácil para os lobos ferozes, ela o levou para casa e o alimentou, deu banho, tratou das suas patinhas e penteou sua longa pelagem azul, ela sentiu que ele era especial.

Como o aniversário de Helena estava próximo, a mãe decidiu cuidar dele em segredo para presentear Helena com o pequeno boi azul. Pensou que um precisava do outro, ele faria companhia para a delicada Helena e ela faria companhia para o ativo e bondoso boi azul.

Sua mãe já tinha tudo planejado, fez uma casinha de madeira para o pequeno e uma cama púrpura para que ele pudesse passar suas noites tranquilamente. No dia do seu aniversário de cinco anos, a mãe lhe deu o boi azul encantado que era na época bem pequenininho. Helena adorou o presente e sua mãe a fez prometer sempre cuidar dele como cuidaria de um amigo.

Desde então, Helena sempre esteve com o Boi azul, viviam momentos incríveis, nadavam no rio, pulavam na lama, comiam frutas maduras que caíam da árvore, liam histórias sobre animais encantados. Helena passava o dia conversando com ele, e com o passar dos anos, o boi começou a falar sua língua. O processo foi tão natural que Helena não comentou nada para seus pais, presumia que todos os bois azuis falassem, e que não era uma novidade, apesar de achar estranho nunca ter visto outro igual nem quando foi visitar a cidade.

Helena foi crescendo e quando completou quinze anos sua mãe ficou muito doente e morreu. Seu pai, Helena, e o boi azul sofreram muito. O boi azul disse que um dia ela e ele encontrariam sua mãe novamente, e que ela estava mais viva do que nunca. Isso foi confortando o coração de Helena, até que ela sentia somente a dor da saudade.

Seu pai precisou ir trabalhar na cidade vizinha e, aos poucos, foi se afastando da casa, do local e da Helena, deixando-a muito sozinha. Na cidade, ele conheceu uma mulher muito bonita, maldosa, e egoísta, mas que se fazia de boazinha, pois estava de olho somente no dinheiro que o banqueiro podia fazer. O

pai de Helena se casou rapidamente com a mulher e ela se tornou madrasta de Helena e começou a morar na casa grande e linda de madeira em que outrora seu pai e sua mãe viviam.

Só que a madrasta não gostava de morar perto do bosque e muito menos de olhar as planícies, ouvir o som dos animais e sentir o cheiro da terra e do mato, também tinha nojo de tomar banho no rio com os peixes. A casa foi ficando fria com sua presença.

A madrasta queria que o pai de Helena estivesse sempre trabalhando para que pudessem comprar a casa da cidade e ir embora. Helena era contra essa ideia, queria continuar morando ali em sua casa, com o boi azul.

Seu pai só tinha olhos para a mulher e fazia tudo o que ela queria, então começou a trabalhar mais e mais, até que precisou alugar temporariamente uma casa na cidade só para ele, deixando Helena aos cuidados da madrasta. Com o tempo a mulher começou a se incomodar tanto com o lugar e com o fato da Helena ser feliz ali, que proibiu Helena de observar as planícies, nadar com os peixes e ficar quietinha ouvindo o som dos passarinhos, sapos e abelhas e sentindo o cheiro da terra e do mato. Fechou o boi azul em um barracão escuro e prendeu sua patinha para que ele não ficasse pulando no portão tentando sair.

O boi azul nunca tinha ficado tanto tempo longe de Helena e nem Helena longe do boi. A madrasta percebeu o quanto isso incomodava Helena e desejando atingi-la alimentou cada dia mais o desejo em seu coração de matar o boi para comê-lo.

A madrasta mandava Helena fazer muitos serviços para que vivesse confortavelmente e desejando que Helena esquecesse do boi azul planejando comê-lo. Pedia para ela lavar roupa, encerar o chão, socar arroz no pilão, torrar café para depois socar no pilão, moer a cana no engenho etc.

Todos os dias Helena se esgueirava para o barracão onde o boi azul estava, abria sua porta e dizia para seu amigo ir brincar no pasto sozinho, pois ela não poderia ir com ele, e o boi dizia para Helena:

- Eu vou te ajudar, aí podemos ir juntos antes que a madrasta perceba!

Helena preocupada dizia:

- Ai meu boi azul, a madrasta está querendo matar você... E se ela descobrir? Eu não quero que ela te mate. Tenho medo da decisão do meu pai!

Mas o boi balançava sua pelagem azul e dizia:

- Estou sempre junto com você, vou te ajudar sim!

Então o boi azul ajudava Helena em todo o serviço, fazia tudo para ela: mascava roupa e jogava tudo limpinha e passadinha, lambia todo o chão e deixava tudo enceradinho, mascava o arroz dizia:

- Você fica com o arroz, enquanto eu fico com a palha!

Os dois faziam tudo bem rápido. A madrasta acordava e via tudo prontinho, ficava muito desapontada, e não entendia como Helena conseguia fazer tudo muito bem. Com tudo bem feito, não teria o que ela reclamar de Helena, e isso não a deixava feliz.

Um dia, a madrasta foi até o barracão que o boi azul estava e viu em sua boca restos de palha de arroz, e percebeu que Helena e o boi faziam tudo juntos, e que Helena estava desobedecendo suas ordens. Falou para o pai da menina que queria matar o boi para comê-lo. Como o pai percebeu que a madrasta não seria flexível, optou por dizer para Helena:

- Filha, está na hora de você ganhar um companheiro de verdade, um cachorro. Vamos matar esse boi e fazer uma churrascada, vou chamar meus amigos do trabalho e você ganhará muitos presentes caros.

Helena ficou muito decepcionada, com os olhos lacrimejando e quase sem voz, disse tremendo ao pai:

- Pai, o boi é meu amigo. Não quero nada do que me ofereceu. Parece até que perdeu seu coração!

O pai ficou muito irritado com a resposta de Helena, pois não estava esperando dela um não. Foi afiar sua faca, com uma dor no coração, mas sua escolha já estava feita, e o desejo da madrasta ia ser atendido.

Helena trancou a porta do seu quarto e fingiu inércia por sofrimento, pôs uma blusa quentinha por cima do seu vestido, vestiu uma meia calça e seu sapato, pulou pela janela do seu quarto, cheia de coragem e certeza do certo, e foi ao encontro do boi, abriu a porta do barracão e o abraçou dizendo

- Boi azul nós precisamos fugir, meu pai...

E o boi rapidamente respondeu, pois já sabia tudo o que estava acontecendo:

- Sim Helena, vamos, mas tome cuidado com seu coração, não deixe que ele endureça, suba nas minhas costas, e adormeça, logo estaremos longe daqui.

O boi azul jamais tinha deixado Helena se sentir sozinha, viviam o mais belo dos amores, sabia que tinha um espaço em seu coração que era só dele, e jamais poderia ser substituído e nem era preciso. Seu coração era tão grande que tinha espaço para o cachorro que seu pai havia falado e para todos os outros que encontraria.

Logo pela manhã, Helena acordou, estava novinha em folha, parecia que o boi azul havia voado durante todo o caminho, pois sentia que flutuava quando estava em suas costas, encostando seu corpo na pelagem azul macia dele. O boi azul passou por rios, plantações, trilhas e barrancos, parou um pouco para que eles bebessem água e comessem os frutos que a natureza providenciara, e voltavam a caminhada

Isso ocorreu por três dias, até que pararam, como se estivessem encontrado o final do caminho em um mato muito alto, mais alto que as árvores, cerrado e difícil de passar. Quem olhava para aquela parede de mato, se assustava de tão feio e não se davam o trabalho de passar, mas o boi era diferente. Ele foi atravessando o mato colocando uma pata depois da outra e lentamente foi entrando. Sua pelagem parecia ficar mais e mais azul, ao passo que parecia que o caminho ia se abrindo.

Quando terminaram de cruzar o mato alto, os olhos de Helena brilharam, olhou para o alto e viu grandes árvores com folhas de prata brilhantes que era difícil enxergar com a luz do sol. Olhou para baixo e viu muitas folhas de prata caídas no chão. As folhas eram de todos os tamanhos e todas as formas eram lindas, cheias de detalhes. Helena parou de respirar por um momento e seu coração disparou, um sentimento invadiu seu coração: “Como eu quero isso...”, ela pensava em sua cabeça. Imediatamente o boi olhou para ela com os olhos confiantes e disse:

- Helena, você não pode colher nenhuma folha desse lugar, ele é encantado, e aqui mora um bicho muito bravo. Se você tocar em uma folha sequer, ele virá rápido, e irá tentar nos matar.

Helena conseguiu voltar a si e resolver fechar os olhos para não pegar nenhuma folha, ainda que elas fossem tão belas.

Enquanto o boi caminhava levemente pelo local, ouvia-se como que um tilintar de moedas. O som era tão convidativo que Helena não conseguiu deixar os olhos fechados. Ela abriu os olhos e rapidamente colheu uma folha. Seu coração no mesmo momento ficou muito arrependido, angustiado e desesperado.

- Ai meu boi azul, eu não consegui resistir, e colhi uma folha!

O boi rapidamente a escondeu bem atrás de uma moita prateada e com um olhar compassivo disse para ela

- Já que você colheu, não jogue.

Helena já ouvia os passos furiosos de um bicho correndo pelas folhas. O que parecia um tilintar lindo de moedas, agora trazia horror. O boi rapidamente se afastou da onde a escondeu, e sem demora o bicho apareceu! Ele era realmente assustador! Só de olhá-lo, dava vontade de sair correndo. Seus dentes faziam parecer que você estava sozinha no mundo abandonado. Sem piedade, ele começou a lutar com o boi, arrancou uma orelha, e fez vários cortes em seu corpo, o boi foi muito valente, com seu chifre lutava destemidamente. Brigou, brigou, brigou e saiu vencedor e doente, pois tinha perdido muito sangue.

O boi chegou bem pertinho, tocou sua testa na testa de Helena, abaixou seu lombo e Helena subiu delicadamente em silêncio. Andaram por bastante tempo, até que o chão foi tomando outra coloração, e novas folhas ainda mais brilhantes e bonitas foram surgindo, desta vez de ouro. Os olhos de Helena brilhavam muito, e suas mãozinhas tremiam, eram tão belas que ela mal podia se segurar no lombo do boi azul. Então o Boi Azul disse:

- Helena, você não pode colher nenhuma folha desse lugar, aqui mora um bicho muito mais bravo que o primeiro. Se você tocar em uma folha sequer, ele virá rápido, e irá tentar nos matar.

Continuaram caminhando e Helena fechou os olhos e agarrou suas mãozinhas na pelagem azul do boi. Enquanto o boi passava pelas folhas, um som de sininhos parecia ecoar, e Helena não resistiu, abriu os olhos, baixou a mãozinha e rapidamente colheu uma folha. Logo sentiu o coração despedaçar, começou a chorar sem parar, e disse ao boi:

- Ai meu boi azul, eu não resisti e colhi outra folha!

O boi rapidamente levou Helena para trás de uma árvore e com um tom compreensivo disse:

- Se você colheu, não jogue.

Helena já podia ouvir os passos do bicho, o som dos sinos pareciam enormes sinos de catedrais, até que o bicho chegou, e o vapor de suas narinas era tão frio que Helena mal podia respirar, seus pelos pareciam tão afiados que Helena sentiu-se inundada de aflição. Ele avançou no boi azul que tentou se defender com um dos chifres, mas o baque foi tão grande que o chifre esquerdo se quebrou. O boi



foi jogado de um lado para o outro e quebrou a patinha da frente, ainda se mantendo em pé para proteger Helena. Levou muitas pancadas e ficou com o rosto todo roxo, seus machucados estavam sangrando ainda mais, e ao redor de onde estava se formava pequenas poças de sangue. Eles brigaram, brigaram e brigaram, mas o boi azul conseguiu sair vivo. Mancando foi até Helena, deu sua patinha boa para ela, e sorriu feliz por ela estar bem.

O boi deu o lombo para Helena, que pareceu querer rejeitar, mas o boi insistiu que em suas costas ele devia guiá-la, assim ocorreu. Eles andaram, andaram, andaram, até que as folhas foram mudando de formato e coloração. Desta vez sua cor era tão viva que parecia que viver olhando para elas faria de você o ser mais feliz do mundo. Eram folhas de diamantes, muito brilhantes, cheias de formas e tamanhos. Os olhos de Helena se arregalaram, sua boca se abriu em uma expressão de maravilhamento. O Boi azul disse:

- Helena, você não pode colher nenhuma folha desse lugar, aqui mora um bicho muito mais bravo que o primeiro e o segundo. Se você tocar em uma folha sequer, ele virá rápido, e irá tentar nos matar.

As folhas pareciam ser irresistíveis, então Helena se agarrou no boi, fechou bem os olhos e focou no cheiro de sangue do seu amigo para que pudesse passar por aquele lugar. Quanto mais o boi ia adentrando naquele lugar, mas silencioso o local ficava. Helena começou a ficar muito curiosa, pois as folhas de diamante não estavam tilintando como moedas e nem como sinos.

A curiosidade foi ficando cada vez maior até que ela abriu um olho só, e as folhas estavam tão brilhantes junto ao sol que pareciam um mar, mal ela conseguia enxergar o boi azul. Os olhos de Helena brilhavam, e pequenas lágrimas saíam de seus grandes olhos na admiração de tamanha beleza, as mãos dela tremiam, e as suas perninhas também. A sensação era de que aquele era o dia mais quente do ano e as folhas eram o rio mais refrescante. Helena estendeu a mão em conchinha e pegou uma folha. No mesmo momento a sensação de arrependimento pesou muito em seu coração, ela começou a chorar desesperadamente, e mal conseguiu olhar para o boi quando disse:

- Ai meu boi azul, perdão, mas eu não resisti e colhi uma folha!

O boi azul desesperadamente levou Helena para trás de moita e com muito carinho e compreensão disse para ela:

- Se você colheu, não jogue.

Quase não conseguiu terminar a frase e o bicho estava lá. Sem nenhum aviso prévio, ele apareceu. Esse era mais forte que os dois outros bichos juntos, era ágil que mal podia acompanhar seu andar, seu olhar trazia ao coração de Helena uma culpa pesada como uma saca de arroz de feijão e de adubo juntos. O vapor do seu nariz era tão quente que queimava a pele.

O boi azul apanhou muito, perdeu seus chifres, sua orelha, não conseguia abrir seus olhos, não tinha mais cor azul, mas vermelha de sangue. Eles lutaram, lutaram, lutaram, até que o boi azul saiu vencedor, porém quase sem vida. Ele foi cambaleando lentamente na direção de Helena, ela não conseguia entender como ele ainda conseguia se manter em pé.

Quase sem força para sorrir, ele olhou com o olhar cansado porém afável para Helena e pediu que ela subisse em suas costas. Helena não conseguiu dizer não ao pedido do Boi azul, então subiu silenciosamente em suas costas, e continuou caminhando com o boi por algumas horas, até enxergarem um morro bem alto.

Helena pensou que a caminhada iria parar por ali, mas o boi juntou forças e começou a subir o morro íngreme, algumas vezes escorregava e precisava parar. Até que chegaram ao topo. Helena percebeu que o boi azul quase não respirava. Com muita dificuldade, o boi azul disse:

- Agora você me mata!

Um sentimento de confusão e medo invadiu o coração de Helena, ela olhou para suas mãozinhas que estavam agarradas na pelagem vermelha que um dia foi azul e começou a chorar desesperadamente, e com a voz embargada disse:

- Ai meu boi azul, nós viemos de tão longe, agora eu vou matar você?  
Não! Não quero fazer isso não, você me ajudou tanto!

O boi respondeu com um tom sério e severo, ainda que olhasse com muita compaixão. Sabia que o que estava pedindo não era fácil de ser realizado:

- Não! Eu preciso morrer aqui, Helena.

Abaixou lentamente para que Helena saísse do seu lombo. Helena já sentia um vazio enorme em seu peito. O boi azul então abaixou a cabeça para que Helena pudesse afagar carinhosamente como de costume. Apesar do sangue, do chifre quebrado, e de não encontrar suas orelhas, ela passou suas mãozinhas carinhosamente em sua cabeça.

O boi então disse muito pausadamente para que Helena pudesse entender:

- Helena, você precisa me matar. Dentro da minha barriga tem uma varinha de condão mágica. Você precisa pegá-la! Lave seu vestido em meu sangue, e assim, terá parte comigo.

Helena não conseguia pensar em nada, o vazio ficava cada vez maior. O boi azul continuou dizendo, em meio a um sorriso agradecido por tudo o que viveu com Helena:

- Aqui perto, descendo o morro, está o palácio do príncipe. Ele é um jovem bom, mas com o coração amargo por ter perdido seus pais em uma guerra. Vai pedir emprego lá!

O silêncio continuou, e o boi quase sem voz disse:

- Eu estarei sempre perto, você só não conseguirá me enxergar sempre. Toda vez que você bater a varinha que está em minha barriga três vezes no chão e chamar por mim como de costume: “Meu boi azul”, eu vou aparecer e farei tudo o que você quiser.

Com um suspiro disse:

- Está na hora Helena!

Helena estava sentindo algo que só quem já passou por uma grande perda sabe. Não sentia força em sua perna, suava frio, estava muito nervosa, porém ela confiava tanto no boi, sabia que ele sempre tinha as melhores decisões, mesmo sem entender o motivo por trás disso, deixou que suas palavras lhe dessem força e esperança de realizar o que ele estava pedindo.

Com muito custo, fez um sinal de positivo com a cabeça e disse com um grande sorriso:

- Eu te amo boi azul! Não terei mais medo de pessoas sem coração, pois sei que estará sempre comigo.

Pegou um dos pelos afiados do bicho das folhas de diamante que estava fincado em uma das suas patinhas, e atingiu seu coração. Continuou o ritual, abrindo sua barriga, e encontrou no meio de suas entranhas uma varinha branca com desenhos prateados, dourados e com pedrinhas de diamantes. Ela a pegou com cuidado, guardou no bolso do seu vestido. Então tirou seu vestido que era azul e lavou no sangue do boi. O vestido ficou de cor vermelha viva. Depois que terminou, vestiu o vestido novamente e deitou ao lado do boi azul morto, e apagou misteriosamente, sonhando com os momentos felizes que viveu com seu amado boi azul.

Quando acordou, o boi não estava mais ao seu lado, e seu vestido não estava mais manchado de sangue, mas a varinha continuava em seu bolso. Ela foi caminhando, com uma paz no coração. Pensava: “Será que meu boi azul encontrou minha querida mãe?” Desceu o morro e encontrou depois de duas horas de caminhada um palácio magnífico. Era muito diferente da sua antiga casa, sua construção era feita de pedras, mas quando passou pelos portões, viu que o castelo guardava um rio lindo cheio de peixes, árvores, jardins. Quando ouviu o barulho das abelhas e do sapo, um sentimento de nostalgia apertou seu coração.

Ela se ofereceu para trabalhar como serviçal do príncipe. Disse que poderia fazer de tudo, e assim foi. Helena começou a trabalhar, fazendo de tudo um pouco no palácio, conheceu todos os criados do príncipe e fez amizade com todos eles, todos gostavam muito dela e nenhum deles gostava do príncipe. Helena sentia muita dó dele, sabia que ele não era um homem sem coração, mas percebia que ele estava perdido.

Um dia Helena pensou em fazer uma jantinha bem especial para alegrar o coração dele, lidou com uma galinha, pensando em fazer uma bela canja e, depois de terminar todo o processo, foi levar humildemente o pratinho para o príncipe, que ao ver sua roupa toda suja por ter lidado com a galinha, teve nojo e não aceitou.

Mas Helena não desistiu, outro dia decidiu fazer um bolo gostoso de milho para o café da tarde do príncipe, precisou descascar o milho, ralar o milho, raspar o milho com uma colher para não perder nenhum caldinho, para formar a massa do bolo. Quando foi levar o bolo quentinho para o príncipe, ele olhou para ela com nojo novamente e não quis nem provar. Ela decidiu olhar para sua roupa e viu que estava molhada com o líquido amarelo do milho e com manchas do sangue da galinha.

Ela resolveu limpar o chão da biblioteca onde o príncipe passava a maior parte do seu dia, e tentou conversar com ele, mas o príncipe era silencioso demais e só acenava com a cabeça, sem nada dizer.

O príncipe gostava muito de bailes também, mas nunca dançava, gostava de ficar na companhia dos músicos que tocavam instrumentos como sanfona, viola e violão.

Helena o observava todos os dias de longe, pensando em formas de aquecer seu coração, até que um dia percebeu que havia se apaixonado por ele. Quando descobriu que estava apaixonada, ficou tão feliz e grata pelo sentimento que inundou seu coração que gostaria de vê-lo desesperadamente. Perguntou aos

empregados e todos disseram que ele tinha ido ao baile, mas alertaram Helena que para entrar no baile precisava ser muito elegante.

Helena pela primeira vez pegou a varinha que sempre ficava em seu bolso, bateu três vezes no chão e chamou pelo boi azul:

- Meu boi azul! Ah meu querido boi azul!

No mesmo momento, o boi azul apareceu e foi como se o tempo tivesse congelado ao seu redor. Ele sorria muito feliz e estava mais azul e belo que nunca. Ele tocou sua testa na dela e nesse momento apareceu uma linda tiara de flores brilhantes, logo em seguida um vestido azul majestoso, um sapato de cristal e um par de luvas de renda delicada, mas não lhe deu nenhum anel, apesar desse adorno ser muito comum nas jovens mais bonitas naquele tempo. Mas Helena não se importou, sua transformação terminou com um abraço no boi azul, e logo ela estava pronta.

Helena saiu pela porta dos fundos de modo que nenhum trabalhador do palácio a visse e quando olhou para a estrada, viu uma linda carruagem de prata, ela subiu na carruagem que em minutos apareceu na frente do local onde estava acontecendo o baile.

Quando ela entrou na festa, o príncipe estava tocando violão, mas até errou uma nota. Devolveu o violão para o músico seu amigo. O coração do príncipe estava acelerado, a beleza de Helena invadiu seu coração e ele foi correndo ao seu encontro e a chamou para dançar.

Eles dançaram e depois conversaram sobre algumas coisas, Helena descobriu que o maior medo do príncipe era de pessoas sem coração e por ser príncipe sentia que não podia confiar em ninguém, se sentia muito sozinho. Eles voltaram a dançar até que Helena olhou para o grande relógio no centro do salão e viu que era 23h50, se lembrou então que a festa acabava às 00h00 e o príncipe sempre ia embora no fim da festa, então ela precisava chegar no palácio antes dele.

Então ela disse para ele que precisava ir para casa urgentemente, sem demorar nada. O príncipe perguntou se ela voltaria e ela disse que sim, então correu para sua carruagem, bateu a varinha três vezes e chamou o boi azul que a levou para casa, o príncipe ficou olhando ela partir até perdê-la de vista.

Helena com ajuda do boi azul se encontrou com o príncipe no baile mais duas vezes depois dessa, eles foram se apaixonando tanto um pelo outro, que se despedir tinha se tornado o principal desafio.

No quarto encontro, o príncipe muito esperançoso e atencioso lhe deu um anel lindo de brilhante que era de sua mãe, não existia outro como esse no reino e pediu ela em casamento. Ela tinha sido a única desde quando seus pais morreram que aqueceu seu coração. Helena ficou muito feliz e disse:

- Príncipe, poderia me dar um tempo ? Preciso disso para lhe responder.

Mas quero que saiba que sois tão amável, fico feliz de lhe conhecer!

Eles se despediram e Helena partiu como de costume em sua carruagem e o príncipe ficou cheio de esperança em seu coração.

O castelo se encontrava tão brilhante naquela semana, pois o príncipe bem humorado estava. Helena teve uma ideia, pensou em fazer o bolo de milho que uma vez fizera querendo aquecer o coração do príncipe, se ele aceitasse, ela revelaria que era dele seu coração. Precisou descascar o milho, ralar o milho, raspar o milho com uma colher para não perder nenhum caldinho, para formar a massa do bolo, colocou depois o açúcar e o anel que o príncipe havia lhe dado e deixou no forno. O bolo cresceu e ficou bem fofinho e cheiroso, ela colocou em uma bandeja, preparou uma xícara de café passado na hora.

Chegou a hora, o coração de Helena batia tão alto que parecia que todos ouviam, seu rosto ficou bem corado, ela foi dando passos delicados até o príncipe que estava na sala real. Quando chegou à porta, parou, olhou para seu vestido e ele estava todo sujo por causa do bolo de milho, pensou em desistir, mas quando olhou para a varinha, sentiu muita confiança, seu boi azul estava com ela!

Quando ela abriu a porta da sala real, o príncipe estava sentado em seu trono, lendo o livro, quando sentiu o cheiro do bolo, tirou seus olhos da página e agradecido olhou para Helena, que foi andando em sua direção e ofereceu o bolo.

Ele ficou muito agradecido e com um belo sorriso disse:

- Minha cara jovem, você tem procurado me fazer feliz, eu percebi! Mas meu coração estava muito fechado para aceitar. Mas aconteceu algo maravilhoso! Encontrei alguém que soube abrir essa porta para mim.

Peço desculpas pela última vez. Hoje quero experimentar esse bolo!

Helena colocou a bandeja na mesinha que tinha ali e o príncipe delicadamente utilizou a faca para cortar um pedaço. Quando ele colocou o garfo no pedaço desejado, levou até a boca e se deliciou com aquele bolo. Na segunda garfada sentiu algo duro, quando olhou era o anel que já foi de sua mãe.

Olhou surpresa para a Helena, que estava com os olhos cheios de lágrimas e segurando fortemente a própria mão muito ansiosa. O príncipe delicadamente segurou sua mão e deu-lhe um beijo na testa. Helena então sorriu e disse:

- Tenho sua resposta! Digo sim! Vamos nos casar!

Todos no castelo ficaram felizes com a notícia e aquele castelo se tornou o local mais feliz de todos os tempos. Lá não tinha lugar para pessoas sem coração. O boi azul ficou feliz em preparar o vestido mais lindo para Helena, cheio de pedras de diamante e bordado em ouro e prata.

E eles foram felizes para sempre!

## ANEXO: RESENHA DAS OBRAS DO PNLD LITERÁRIO 2018 ANALISADAS

### DE NOITE NO BOSQUE

Autoria: Ana Maria Martins Machado (autor), Bruno Nunes Coelho (ilustrador)

Volume: De Noite No Bosque

Editorial: Maxiprint Editora Ltda - 1 / 2018

Categoria: Ensino Fundamental - 1º Ao 3º Ano

Tema(S): Família, Amigos E Escola

Gênero: Conto, Crônica, Novela, Teatro, Texto Da Tradição Popular

Número De Páginas: 32

#### Resenha da obra disponível no guia digital:



De noite no bosque, de Ana Maria Machado, ilustrado por Bruno Nunes, trata do cotidiano de dois irmãos e sua relação com os contos de fadas. Felipe e Gabi, a quem os pais sempre contam histórias antes de dormir, veem-se certa noite envolvidos em narrar contos de fadas para os pais dormirem. Sonolentas, as duas crianças se revezam no ato de narrativa: enquanto uma cochila, a outra conta uma parte de uma história. A questão é que, no acordar do cochilo (e não tendo, pois, escutado o que a outra narrava), as crianças tomam um marcador da história e seguem daí para dar continuidade a ela. Como efeito, tem-se menos do que a história linear de determinado conto e mais uma costura sempre renovada de histórias a partir de elementos que se repetem ora num conto, ora num outro. Mesmo que as histórias narradas pelas crianças sejam conhecidas - afinal, tratam-se de contos de fadas -, é preciso considerar que o fato de serem construídas a partir de excertos que se ligam por meio dos elementos que têm em comum (casa, lobo, bosque) contribui para a consolidação e mesmo para a ampliação do repertório de temas do leitor, já que ele se vê convidado a ver as histórias de um modo distinto: a um só tempo, fragmentado e contínuo; previsível, mas também inesperado. Assim, a estratégia de se valer de contos de fadas (e da tessitura entre eles) ganha destaque na obra na medida em que a própria temática da infância se assume como mote, conferindo a ela um lugar de protagonismo no que diz respeito ao ato de cuidar e, sobretudo, de narrar. É justamente o intercâmbio entre esses papéis (cuidar ser cuidada, narrar e ouvir) que faz com que o tema família, amigos e escola ganhe tratamento não simplificador ou mesmo homogeneizante. Ampliam-se as possibilidades imaginativas do leitor, já que, organizadas e elaboradas por meio de estratégias que complexificam o olhar, as ilustrações apresentam diferentes pontos de vista e perspectivas, ou sugerem elementos que o texto visual não menciona diretamente.



### A BELA ADORMECIDA

Autoria: Guilherme Mateus Dos Santos (Adaptador), Bruno Mendes Del Rey (Bruno Del Rey) (Ilustrador), Elton James Padeti (Elton Padeti) (Ilustrador)

Volume: A Bela Adormecida Em Quadrinhos

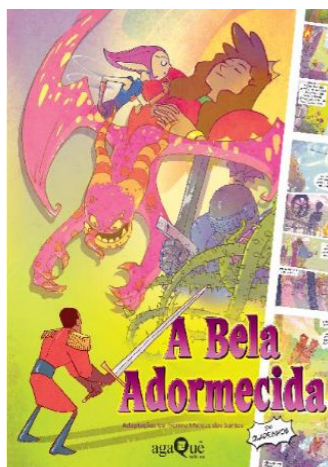
Editorial: Sonar Editora E Comércio De Livros Ltda Me - 2 / 2012

Categoria: Ensino Fundamental - 1º Ao 3º Ano

Tema(S): Diversão E Aventura

Gênero: Livros De Imagens E Livros De Histórias Em Quadrinhos

Número De Páginas: 32



A obra *A Bela Adormecida* em quadrinhos é uma adaptação feita por Guilherme Mateus dos Santos e desenhada por Elton Padeti e Bruno Del Rey do conto de fadas de origem europeia *A Bela Adormecida*, um clássico da literatura universal. Neste conto, temos a história de uma princesa aprisionada em sono profundo, que aguarda a chegada de um príncipe corajoso que com um beijo deve acordá-la para serem felizes para sempre. Só que não é tão simples: para beijá-la, ele deve enfrentar os perigosos encantamentos da fada que amaldiçoou a princesa. Dessa forma, temos um enredo, e demais elementos que o inserem no gênero conto. Contudo, esta adaptação para os quadrinhos, o transforma num novo gênero: o gênero História em Quadrinhos (HQ), que utiliza linguagem mista (verbal e visual) para contar a história. O Narrador é substituído pelas imagens, o Espaço também é retratado pelos desenhos e o discurso se dá na forma direta, através dos balões, que representam as falas das personagens. Este tipo de adaptação de textos clássicos para o formato das histórias em quadrinhos pretende atrair leitores, uma vez que as imagens ajudam a facilitar o entendimento. Insere-se no tema "Diversão e aventura", pois pretende ir além da realidade imediata da criança e estimular a imaginação e o envolvimento com a leitura através da narrativa visual proporcionada pelos quadrinhos, tanto pelo trabalho com a linguagem quanto pelo desenvolvimento da narrativa visual. Um aspecto novo, em relação a todas as atividades já propiciadas no trabalho com essa história é o fato de a personagem antagonista da história não ser representada por uma bruxa, um estereótipo do mal. Todavia, na história, o mal vem de alguém que devia proteger a princesa: uma fada, que não age como as demais fadas. Assim, o livro representa um universo de aventuras no qual a criança pode, inconscientemente, buscar respostas para o mundo real em que vive. A cada conflito uma solução nova aparece, sempre através de atitudes positivas das personagens.

## O GALO DE BOTAS

Autoria: Jessica Sborz (Autor), Shayenne Bruna Alves (Ilustrador), Jose Antonio Saia Siqueira (Ilustrador)

Volume: O Galo De Botas

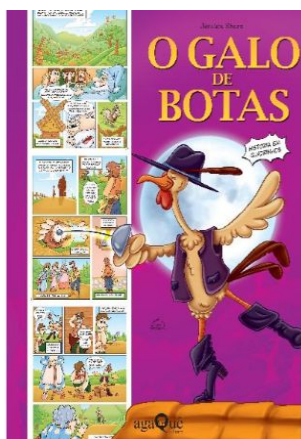
Editorial: Sonar Editora E Comércio De Livros Ltda Me - 1 / 2014

Categoria: Ensino Fundamental - 4º Ano E 5º Ano

Tema(S): Diversão E Aventura

Gênero: Livros De Imagens E Livros De Histórias Em Quadrinhos

Número De Páginas: 32



O Galo de Botas é um livro em quadrinhos escrito por Jessica Sborz e ilustrado por José Antonio Saia Siqueira e Shayenne Bruna Alves e indicado para leitores do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental. O livro apresenta a história de um moleiro que, em seu leito de morte, deixa de herança ao filho mais velho o moinho, ao filho do meio o burro e ao filho mais novo, chamado Cristóvão, um gato. O gato tinha ido embora da fazenda alguns dias antes e, por isso, o caseiro da fazenda decide transformar um galo no gato para dar a Cristóvão. Cristóvão não percebe a diferença e começa a ajudar a todos na aldeia junto com seu galo de botas. As pessoas da aldeia acabam deixando de trabalhar porque Cristóvão e seu galo faziam tudo. Um dia, os dois pararam para descansar e houve confusão na aldeia. Dois aldeões apostaram se o galo seria, realmente, um galo ou um gato e, quando descobriram que se tratava de um galo, o perdedor da aposta ficou furioso. Cristóvão e o galo fugiram para a floresta e encontraram o castelo de um ogro. O ogro discutia com uma bruxa por que os feitiços dela tinham dado errado. Ela tinha transformado todos os serviçais do ogro em galinhas. Cristóvão e o galo trabalharam para o ogro e pediram-lhe para ficar com a varinha da bruxa. O galo transformou os empregados em pessoas novamente, e pediu ao ogro para ficar com a única galinha que era galinha mesmo. Ele transformava os ovos que a galinha botava em ovos de ouro e, assim, juntamente com Cristóvão, viveram sempre ricos e felizes. A narrativa traz elementos de várias histórias infantis bastante conhecidas, como o moleiro que deixa a herança, o gato de botas, o ogro, a bruxa e a galinha dos ovos de ouro, mas essa intertextualidade pode apresentar-se de difícil compreensão para que o leitor compreenda o propósito da narrativa. Publicada em 2014, pela editora Agaquê, O Galo de Botas apresenta os quadrinhos escritos em letra bastão, sendo adequados para a leitura de crianças em processo de alfabetização. As ilustrações, de modo geral, são adequadas ao texto verbal e à faixa etária, chamando a atenção das crianças.

## MONTEIRO LOBATO EM QUADRINHOS: PETER PAN

Autoria: Denise Ortega (Denise Ortega) (Adaptador), Fernando De Barros Arcon (Fernando Arcon) (Autor / Ilustrador)

Volume: Monteiro Lobato Em Quadrinhos: Peter Pan

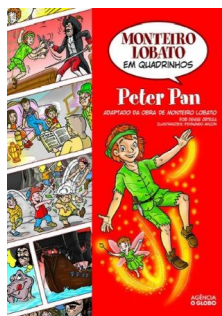
Editorial: Agência O Globo Servicos De Imprensa S/A - 1 / 2018

Categoria: Ensino Fundamental - 4º Ano E 5º Ano

Tema(S): Diversão E Aventura, Família, Amigos E Escola, O Mundo Natural E Social

Gênero: Livros De Imagens E Livros De Histórias Em Quadrinhos

Número De Páginas: 96



A obra Monteiro Lobato em quadrinhos: Peter Pan apresenta uma versão em HQ da história de Peter Pan. Nela, a conhecida história de Peter Pan é recontada por Monteiro Lobato, que coloca a personagem Dona Benta para narrar as aventuras do garoto aos conhecidos moradores do Sítio do Pica Pau Amarelo: a boneca Emília, Narizinho, Pedrinho, Visconde de Sabugosa e Tia Nastácia. Nessa versão lobatiana, Peter, além de continuar a enfrentar o medo de se tornar adulto e lutar contra as armadilhas de Gancho, passará pelos questionamentos da turma do sítio mais famoso do Brasil, O Sítio do Pica-Pau Amarelo. A obra não faz uma tradução integral do livro original, pois, ao longo da narrativa, há vários acréscimos na história feitos pela boneca Emília e pelos demais personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo. Há relevância na obra, também, por apresentar um clássico da literatura mundial, aproximando os leitores infantis de temas e obras que ampliam o universo de leitura dos mesmos. A leitura da narrativa permite o debate e o confronto entre pontos de vistas, especialmente sobre a narrativa central, que conta a história de Peter Pan, o garoto que não desejava crescer. A linguagem das HQs, um gênero facilmente acessado pelos leitores infantis, é adequada para os leitores infantis, visto que, aliando texto verbal e visual, estimulam a imaginação e promovem a diversão para o público-alvo. A mescla de imagens e palavras, próprias das HQs, dá forma ao caráter literário, constituindo-se em uma narrativa que explora a ficção por meio dos elementos próprios do gênero. A obra não apresenta conteúdo que faz apologia à violência ou pensamentos excludentes, mas, pontualmente, há falas que precisam ser mediadas e desconstruídas por apresentarem contraposição entre masculino e feminino de forma negativa ou, em outros momentos, apresentar um olhar preconceituoso por parte da personagem Emília. A discussão desses pontos é de profunda relevância para não fortalecer visões e comportamentos excludentes que não são majoritárias na obra, pois ela também coloca protagonismo para as meninas na narrativa, bem como apresenta críticas de outros personagens ao comportamento por vezes destemperados da boneca Emília. Ao final da obra, encontra-se várias informações sobre a interseção entre as obras de Barrie e a de Monteiro Lobato, bem como breve histórico biográfico de Monteiro Lobato, da autora da adaptação, Denise Ortega, e do desenhista ilustrador do presente livro, Fernando Arcon.

## JOÃO E MARIA

Autoria: Augusto Pacheco Calil (Augusto Calil) (Tradutor), Lorenzo Mattotti (Estrangeiro), Neil Gaiman (Estrangeiro)

Volume: João & Maria

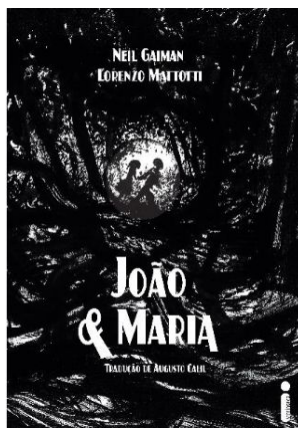
Editorial: Editora Intrinseca Ltda. - 2 / 2018

Categoria: Ensino Fundamental - 1º Ao 3º Ano

Tema(S): Diversão E Aventura

Gênero: Obras Clássicas Da Literatura Universal

Número De Páginas: 56



A obra João e Maria, traduzida por Augusto Pacheco Calil, com ilustrações de Neil Gaiman, narra a clássica história de uma menina e um menino que são abandonados pelo pai na floresta, influenciado pela mãe. É uma obra de aventura, um conto de fadas; mas não somente, pois o que se passa com João e Maria se aproximaria muito mais de um conto de horror relacionado à família, principalmente pela abordagem do abandono dos filhos pelos pais e da morte da mãe e da bruxa como punição. O enredo de João e Maria, principalmente por originar-se de contos de fada, pode ser visto como uma metáfora, apresentando camadas para análise. O texto possibilita algumas perguntas: uma mãe malvada? Um pai submisso e ao mesmo tempo amoroso? Uma casa feita de comida? E tais questionamentos contribuem para a consolidação e a ampliação do repertório de temas do aluno, principalmente ao discutir de forma tão contundente as complicações possíveis nas relações familiares. As ilustrações, num primeiro momento, parecem muito escuras, contudo, com a leitura, ganham densidade e significados relacionados à escuridão da floresta e do próprio texto, com tema tão amargo: o abandono dos filhos, a fome. São explorados recursos visuais, principalmente contrastes em P&B. Há um excesso de palavras em um texto longo que pode ser desinteressante para alguns estudantes. A obra atende o tema diversão e aventura e, a partir dele, é possível promover reflexões acerca de como superar o medo, da importância de trabalhar colaborativamente, dos papéis dos pais em relação aos filhos, do papel da mulher na sociedade e de como planejar ações para resolver problemas.